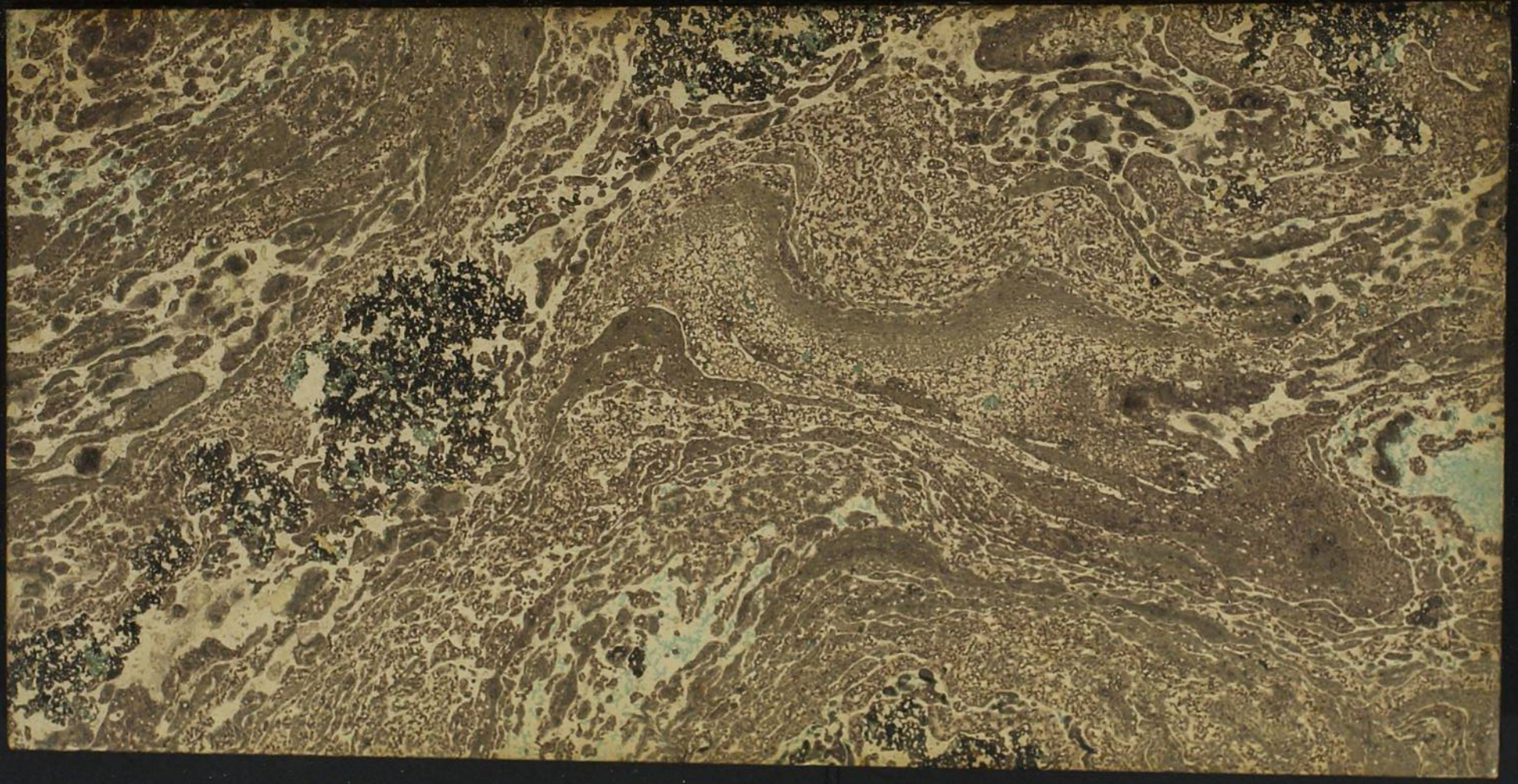


Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ARTHUR AZEVEDO

O TRIBOFE

REVISTA FLUMINENSE DO ANNO DE 1891

EM

3 ACTOS E 12 QUADROS

MUSICA DE ASSIS PACHECO

RIO DE JANEIRO
Imp. a vapor H. LOMBAERTS & C., editores.
7, Rua dos Ourives, 7
1892

AMÉRICO F. MARQUES
Livreiro Antiquário
R. da Misericórdia, 92-1.º
Telef. 34977 Lisboa
N.º 74

Ao amigo
Alfredo Subtil
Bittencourt
17/6/92.

O TRIBOFE

Revista fluminense de 1891, em 3 actos e 12 quadros,
representada no theatro Apollo.

SOCIEDADE EMPREZARIA GARRIDO & C.

PEÇAS ORIGINAES DO MESMO AUTOR

* **A almanjarra**, comedia em 2 actos.

* **Amor por annexins**, comedia em 1 acto,

O anjo da vingança, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.

O barão de Pituassú, comedia-opereta em 4 actos, musica de Adolpho Lidner.

* **O Biloutra**, revista de 1885, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **O Carioca**, revista de 1886, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

Casa de Orates, comedia em 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.

* **Cocota**, revista de 1884, em 4 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **A donzella Theodora**, opereta em 3 actos, musica de Abdon Milanez.

E mettam-se! comedia em 1 acto.

* **O escravocrata**, drama em 3 actos, de collaboração com Urbano Duarte.

* **Fritzmac**, revista de 1888, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo, musica de Leocadio Rayol.

O Homem, revista de 1887, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **A joia**, comedia em 3 actos, em verso,

Kellar e Fagundes, entre-acto comico.

O Liberato, comedia em 1 acto.

* **O mandarim**, revista de 1883, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

* **A „Mascote" na roça**, comedia em 1 acto.

* **Mercurio**, revista ds 1886, em 3 actos, de collaboração com Moreira Sampaio.

Uma noite em claro, comedia em 1 acto.

* **Os noivos**, opereta em 3 actos, musica de F. Sá Noronha.

A pelle de lobo, comedia em 1 acto.

* **A princeza dos Cajueiros**, opereta em 3 actes, musica de F. Sá Noronha,

Republica, revista de 1889, em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Aluizio Azevedo.

O Rio de Janeiro em 1877, revista em 1 prologo e 3 actos, de collaboração com Lino de Assumpção.

* **Uma vespera de Reis na Bahia**, comedia-opereta em 1 acto, musica de F. Libanio Colás.

* **Viagem ao Parnazo**, revista de 1890, em 3 actos.

As peças com o signal * estão publicadas.

ARTHUR AZEVEDO

O TRIBOFE

REVISTA FLUMINENSE DO ANNO DE 1891

EM

3 ACTOS E 12 QUADROS

MUSICA DE ASSIS PACHECO

RIO DE JANEIRO
Imp. a vapor H. LOMBAERTS & C., editores.
7, Rua dos Ourives, 7
1892

Nesta edição não se fizeram as alterações exigidas pela Policia ou aconselhadas pelas conveniencias da scena.

A

ANTONIO AZEREDO

O. D. C.

Seu amigo reconhecido

Arthur Azevedo.

O TRIBOFE

ACTO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

O interior da rotunda em que se acha o panorama do Rio de Janeiro, na praça 15 de Novembro. No centro, um duplo alçapão por onde os visitantes entram e saem. Um album, folhetos e binoculos. Cadeiras.

SCENA PRIMEIRA

O COMMENDADOR, EUSEBIO, D. FORTUNATA, QUINOTA, BEM-VINDA, JUCA, 1º VISITANTE, 2º VISITANTE, VISITANTES.

(*Uns apreciam o panorama, outros conversam, outros escrevem as suas impressões no album dos visitantes. Scena muito animada.*)

CORO

Oh! que bello panorama!
Que trabalho! que primor!
Ganhará dinheiro e fama
O senhor commendador!

COMMENDADOR

Venham ver uma obra prima
Que louvores mil desperta!
Ninguem d'ella se approxima
Sem ficar de bocca aberta!

Vejam, vejam como é bella !
Desde França, está provado
Que defronte desta téla
Fica tudo estatelado !

CÔRO

Oh! que bello panorama !
Etc.

EUSEBIO, *á familia.* — Oia a ia das Cobra !

1º VISITANTE. — Onde, senhor ?

EUSEBIO, *apontando* — Alli.

1º VISITANTE. — Está enganado. Aquillo é a fortaleza de Villegaignon.

QUINOTA, *a D. Fortunata.* — Olhe, mamãe, aquella rua é que era o quintal das freiras da Ajuda.

JUCA, *choroso.* — Eu quero í me embora !

D. FORTUNATA. — Espera, menino ! Não começa a reiná !

COMMENDADOR, *a Eusebio.* — Queira escrever as suas impressões neste album. (*Dá-lhe o album*).

EUSEBIO. — Dê cá (*Toma o album, senta-se e escreve*).

2º VISITANTE, *ao commendador.*—Então? Está satisfeito?

COMMENDADOR. — Por ora não posso dizer nada E' o primeiro dia de exposição.

2º VISITANTE — A inauguração do seu panorama não podia ter logar em dia mais apropriado : 1º de Janeiro, a data do descobrimento desta bella terra, tão fielmente reproduzida pelo seu pincel.

COMMENDADOR. — Ora ahi está uma phrase que o senhor podia ter escripto naquelle album.

2º VISITANTE. — Ja lá está

COMMENDADOR. — Ah ! bem ! (*Cahindo n'uma cadeira*). — Estou cançadissimo... E já vão sendo horas de fechar... Não tive hoje descanço um minuto ! .. Só o trabalho de receber os convidados !...

EUSEBIO, *erguendo-se com o album na mão.* — Aqui está o que escrevi. (*O commendador levanta-se*). Puxei pelas idéa, mas não sahiu grande coisa. (*Chamando*). D Fortunata... Quinota... Juca... Bemvinda... Venhum ouvi. (*A familia cerca o*). Estão todos ?

A FAMILIA — Estamos.

EUSEBIO, *lendo com emphase.* — « Victor Meirelles, és de muita força ! » (*Ficam todos á espera do resto*). Então ? Que mais esperam ?

QUINOTA — O resto.

EUSEBIO. — O resto? E' só!...

TODOS. — Ora!

QUINOTA. — Por tão pouco não valia a pena.

COMMENDADOR. — Naturalmente este senhor é homem de poucas palavras.

EUSEBIO. — Ah! quem me déra tê o talento deste visitante que escreveu: « Victor Meirelles fez-se por si; honra aos seus mestres! »

COMMENDADOR, *tomando-lhe o album.* — A companhia é muito amavel... mas já está escurecendo... são horas de fechar o panorama. (*Effectivamente tem escurecido. Muitos visitantes sahiram durante o dialogo. Outros saem agora a pouco e pouco. Alguns apertam a mão ao commendador*).

EUSEBIO. — Eu fiquei por urtimo, porque tenho que le dizê duas palavra.

COMMENDADOR. — Estou ás suas ordens, mas é melhor lá embaixo.

EUSEBIO. — Não, sinhô .. Ha de sê aqui mesmo. Vosseoria não sabe quem eu sou, mas eu le digo.

COPLAS

I

Sinhô, eu sou fazendeiro
De São João do Sabará,
E venho ao Ri' de Janeiro
De coisas grave tratá.
Ora aqui está!
Ora aqui está!
Talvez leve um anno inteiro
Na Capitá Federá!

II

Appareceu um janota
Em S. João do Sabará;
Pedio a mão de Quinota,
E vei' s'embora p'ra cá!
Ora aqui está!
Ora aqui está!
Hei de achá esse idiota
Na Capitá Federá!

Esta é minha muié, D. Fortunata...

D. Fortunata. — Uma sua serva. (*Mesura*).

Commendador. — Folgo de conhecel-a, minha senhora. E esta moça? é sua filha?

Eusebio. — Nossa.

D. Fortunata. — Nome d'ella é Quinota... Joquina... mas a gente chama ella de Quinota

Quinota. — Cale-se, mamãe .. O senhor não perguntou nada...

Eusebio. — Muito estruida... Teve tres professô... Não parece moça da roça.

Commendador. — Sim?

Eusebio. — Este é meu filho Juca... Tem cabeça, qué vê? Diz um verso, Juca!

Juca. — Ora, papae!

D. Fortunata — Diz um verso, menino! Não ouve teu pae tá mandando?

Juca. — Ora, mamãe!

Quinota. — Diz o verso, Juca. Você parece tolo!

Juca. — Não digo!

Bemvinda. — Nhô Juquinha, diga aquelle de lá vem a lua sahindo.

Juca. — Eu não sei verso!

D. Fortunata. — Diz o verso, diabo! (*Dá-lhe um beliscão. Juca faz berreiro*).

Eusebio, *tomando o filho e acariciando-o*. — Tá bom, tá bom, não chora! (*Ao commendador*). Tá muito cheio de vontade... Ah! mas eu vou botá elle no collegio. Diz que o Gymnazo Nacioná é muito bão ..

Commendador. — Dizem.

Eusebio, *a Juca*. — Então tu não qué dizê o verso?

Commendador. — Deixe-o. Dirá quando chegar á casa.

Eusebio. — A' casa?! Ah! meu sinhô! isso é que ha de sê diffice! Nós não temo ca a, e era justamente por isso que eu desejava fallá a vosseoria.

Commendador. — Ora essa!

Eusebio. — Magine que nós cheguemo honte e procuremo commados em todos os hoté. Nem um quarto desoccupado! Quizemo alugá uma casa... Quá casa, seu compadre! No Rio de Janeiro não ha uma casa pr'alugá!...

Commendador, *aparte*. — Mas que tenho eu com isso?

D. Fortunata. — Esta noute... Ai, meu Deus! uma pessoa p'ra que está guardada neste mundo!

Commendador. — Que aconteceu?

Quinota. — Não contem!

EUSEBIO. — Passemo a noite dentro de um bonde, que estava na rua do Riachuelo, c'as cortina arreada. Cada um de nós tomou conta de um banco.

D. FORTUNATA. — A gente feito vagabundo!

QUINOTA. — Mamãe!.. Que necessidade tem este senhor de saber...?

COMMENDADOR. — Mas, afinal, que desejam de mim?

EUSEBIO. — Eu le digo. Nós passemo inda agorinha por aqui e vimo este barracão.

COMMENDADOR. — Diga " pavilhão ".

EUSEBIO. — Uê! Pavilhão não é bandeira?

COMMENDADOR. — Se não quizer dizer "pavilhão" diga "rotunda".

EUSEBIO. — Pois bem, passemo por esta rotunda, e proguntemo o que era. Nos disserum que era o panorama do Ri' de Janeiro, e que só estava aberto de dia. Então me alembrei de vi fallá a vosseoria p'ra me alugá durante a noite a... Cumo chama?

D. FORTUNATA. — Catunda.

QUINOTA. — Rotunda.

EUSEBIO. — Ora ahi está.

COMMENDADOR. — O senhor está doido! Aqui não ha espaço!..

EUSEBIO. — Ora! p'ra quem foi obrigado a passá a noite n'um bonde c'a familia!

COMMENDADOR. — Não ha espaço nem ar! O senhor não vê como faz calor aqui?

EUSEBIO. — E' verdade que estou suando em bica!

COMMENDADOR. — E eu!

D. FORTUNATA. — E eu!

QUINOTA. — E eu!

JUCA. — E eu!

BEMVINDA. — E eu!

COMMENDADOR. — Se querem continuar a conversar, vamos lá para baixo. Aqui já está muito escuro!

D. FORTUNATA. — E tudo isto por causa d'aquelle seu Gouveia! Ah! se eu apanho elle!..

EUSEBIO. — Ora! estava tão bão este commado! Deste lado ficava eu e D. Fortunata.

D. FORTUNATA. — Não; se eu ficasse era alli do lado da barra, que deve ser mais fresco.

EUSEBIO. — Tá bão... A gente não havia de brigá... Aqui do lado da Tijuca ficava Quinota e Bemvinda... E Juca ficava alli...

COMMENDADOR. — E podiam gabar se de que todos os quartos tinham muito boa vista.

BEMVINDA. — Nhã-nhã, olhe um passarinho!

QUINOTA. — E' verdade! um passarinho!...

D. FORTUNATA. — Parece de verdade!

JUCA. — Eu quero o passarinho p'ra mim!

EUSEBIO. — Cala a boca, menino!

JUCA, *chorando.* — Eu quero o passarinho!

D. FORTUNATA. — Deixa está... eu te sapeco quando chegá em casa!

EUSEBIO. — Em casa! Então não é tão cedo que você sapeca elle!

COMMENDADOR. — Mas observo-lhes que já não enxergamos um palmo adiante do nariz! Vamos embora!

EUSEBIO. — Vamos! (*Vae descendo*).

COMMENDADOR. — Não! Por ahi é a entrada!

D. FORTUNATA. — Uê! A gente não desce p'ra baixo pelo mesmo logá por onde subiu p'ra cima?

COMMENDADOR. — Esperem! Eu vou adiante! Chi! está escuro que nem um prego! Deixem-me riscar um phosphoro. (*Risca um phosphoro e desce*).

EUSEBIO. — Desça, D. Fortunata. (*D. Fortunata desce*). Desce, Quinota. (*Quinota desce*). Desce, Juca.

JUCA, *chorando,* — Eu quero o passarinho!

EUSEBIO. — Ah! (*Empurra-o. Juca desce. Só ficam em scena Bemvinda e Eusebio. Ella vae descendo e elle dá-lhe um beijo.*)

BEMVINDA. — Ah! seu assanhado! (*Desce. Eusebio desce. A scena fica vasia. Obscuridade completa. Musica na orchestra. A columna central do panorama transforma-se n'um grande ramilhete, de onde sae Frivolina, illuminada por um foco de luz electrica.*)

SCENA II

FRIVOLINA

COPLA

De Aristophanes sou neta:
Nasci na Grecia pagan;
Sagrou-me um grande poeta;
Sou graciosa e louçan.

Troquei a satyra eterna
Pela pilheria moderna!
Tenho exercitada a perna
Nas delicias do cancan!

(*Dansa. Cessa a musica, e extingue-se o foco de luz. Frivolina vem ao proscenio.*) Os senhores querem saber quem sou? Pois não me conhecem? Sou Frivolina, a musa das revistas de anno...

UM ESPECTADOR DA PLATÉA, *erguendo-se indignado.* — Ora muito obrigado! Frivolina! Um personagem velho!

FRIVOLINA. — Como?

O ESPECTADOR. — Frivolina já appareceu n'outra revista, que se intitulava *Mercurio*... E o nome ficou... Por signal que o deram a um animal de corridas.

FRIVOLINA. — Ora essa, meu caro senhor! Um dos autores do *Mercurio* é o autor do *Tribofe*; está, por conseguinte, no seu direito, servindo-se de um personagem que inventou.

O ESPECTADOR. — E' uma imperdoavel falta de novidade. Quem não tem imaginação não se mette a escrever revistas.

FRIVOLINA. — O senhor é um espectador impertinente!

O ESPECTADOR. — Exerço o meu direito de critica. Vejo que a peça não tem originalidade. Hão de ver! não tarda por ahi um actor disfarçado em espectador, a fallar da platéa, como em todas as revistas!

FRIVOLINA. — Faz favor de não interromper o espectaculo?

O ESPECTADOR. — Vou me embora! Não fico aqui nem mais um minuto! Não quero assistir á representação de uma revista que se parece com outra! Isto é fazenda velha com rotulo novo! Minhas senhoras, meus senhores, dêem uma lição a este autor... Façam como eu: retirem-se! Ah! ficam?!... Não fico eu!.. (*Sae.*)

FRIVOLINA. — Vão lá livrar-se de um maluco d'estes! Onde estava eu? (*Ao ponto.*) Vamos! Diga!... Você fica parado a olhar para mim!

O PONTO. — E' que eu já me não lembra onde estavamos!

FRIVOLINA. — Dê cá a peça. (*Toma a peça, percorre-a com os olhos, e restitue-a ao ponto, marcando com o dedo.*) Olhe... aqui! — Os senhores querem saber quem sou? Pois não me conhecem? Sou Frivolina, a musa das revistas de anno... Estamos em 1º de Janeiro... E' tempo de começar a revista de 1891... Por onde principiar? perguntei aos

meus botões, e os meus botões me responderam: — Ora essa! inaugura-se hoje o panorama do Rio de Janeiro: ahi tens tu o ponto de partida. Eis-me, pois, no panorama, á procura do compadre... Mas... poderei descobril-o aqui? (*Olhando para fóra.*) Não me engano... aquelle vulto... E' uma fórma humana... Agora reparo... Um velho, um naturalista que examina cuidadosamente umas pedras.. Chamemol-o! Pscio! Oh! doutor! doutor!...

A VOZ DE TRIBOFE. — Heim? E' commigo?

FRIVOLINA. — Sim, senhor. Faz favor de vir até cá?

A VOZ. — Lá vou. (*Entra, saltando por cima da grade*)

FRIVOLINA. — Que fazia alli o senhor?

TRIBOFE. — Estava examinando umas pedras encontradas aqui no morro de Santo Antonio.. Parece-me que descobri uma mina de ouro...

FRIVOLINA. — Não é o primeiro que diz que ha neste morro uma mina... Mas vejo que não me enganei: o senhor é um naturalista..

TRIBOFE — Naturalista viajante.. Não é por me gabar, mas olhe que sou um sabio como não os ha muitos na Russia.

FRIVOLINA. — Ah! é russo? N'esse caso deve ter um nome acabado em off?

TRIBOFE. — Effectivamente Chamo-me Triboff.

FRIVOLINA. — Triboff?! Com dous ff?

TRIBOFE — Sim, senhora.

FRIVOLINA. — Pois vae perder um.

TRIBOFE. — Um que?

TRIVOLINA. — Um f Vae perder um f e ganhar um e. O seu nome será Tribofe. T, r, i, tri, b, o, bo, f, e, fe.

TRIBOFE. — Ora essa! E porque?

FRIVOLINA. — Porque assim o quero Deixarás de ser um sabio naturalista, e tomarás successivamente todas as physionomias e personalidades do tribofe. Farás em minha companhia a revista de 1891.

TRIBOFE. — Mas... quem é a senhora?

FRIVOLINA. — Frivolina, a musa das revistas de anno... Como uma fada, tenho a minha varinha de condão.. Olha, vou fazer desapparecer essa guedelha e essas barbaças brancas. Quero-te joven e lepido! Olha! (*Bate-lhe com a varinha. Desapparecem os cabellos brancos e as barbas de Tribofe*).

TRIBOFE. — Ahi está como acontece a um naturalista uma coisa que nada tem de natural!

FRIVOLINA. — Estás prompto a acompanhar-me?

TRIBOFE. — Prompto! Mas que papel me reservas? Que vem a ser isso de tribofe?

FRIVOLINA. — Ouve...

RONDO' RECITADO

Sabichão que se estafe e se esbofe,
Desejoso de tudo saber,
O novissimo termo — tribofe —
Em nenhum diccionario ha de ver.

Como gyria de sport applical-o
Tenho visto, e sómente indicar
A corrida em que perde o cavallo
Que por força devia ganhar;

Mas a tudo se applica a palavra,
Pois em tudo o tribofe se vê;
Qual molestia epidemica lavra,
E não ha quem remedio lhe dê.

Na politica ha muito tribofe,
Muito heróe que não sente o que diz,
E o que quer é fazer regabofe,
Muito embora padeça o paiz.

Quem republica ao povo promette
E, mostrando-se pouco sagaz,
No poder velhos aulicos mette,
Faz tribofe, outra coisa não faz.

Quem só falla do seu patriotismo,
E suspira por Dom Sebastião,
Faz tribofe, pois sebastianismo
E tribofe synonimos são.

O sujeito que muda de estado
E na noiva não acha o melhor,
Soffre um grande tribofe, coitado!
Eu não sei de tribofe maior!

Litterato que assigna e publíca
Velhas coisas, mais velhas que a Sé,
Um tribofe horroroso pratíca,
Outra coisa o tribofe não é.

No commercio, nas lettras, nas artes,
Ha tribofe, tribofe haverá,
Que o tribofe por todas as partes
E por todas as classes irá !

Mas nenhum sabichão que se esbofe,
Desejoso de tudo saber,
O novissimo termo — tribofe —
Em nenhum diccionario ha de ver.

TRIBOFE. — Mas, pelo que dizes, tribofe não é pessoa, é coisa...

FRIVOLINA. — E' coisa, que será personificada por ti, ou antes, por nós.

TRIBOFE. — Não deites mais na carta! Vamos!

FRIVOLINA. — Vamos! (*Dispoem-se a sahir. Forte na orchestra. Mutação.*)

QUADRO SEGUNDO

Corredor. Na parede uma mão pintada, apontando para a esquerda, e este lettreiro: " Agencia de alugar casas. Preço de cada indicação, 5$000, pagos adiantados.„ Um banco. A scena só tem um plano.

SCENA PRIMEIRA

VICTIMAS, *entrando furiosas da esquerda*, depois MOTA e VIEIRA.

CORO DE VICTIMAS

Que ladroeira!
Que maroteira!
Que bandalheira!
Pasmado estou!
Vio toda a gente
Que o tal agente
Cynicamente
Nos enganou!

(*Saem desesperados pela direita*).

MOTA, *entrando furioso da esquerda.*— Cinco mil réis deitados fóra! Cinco mil réis roubados! Mas deixem estar que... (*Vae sahindo e encontra-se com Vieira, que entra da direita*).

VIEIRA. — Que é isto, seu Mota? Vae furioso!...

MOTA. — Se lhe parece que não tenho rasão! Esta agencia annuncia que indica onde ha casas para alugar por cinco mil réis...

VIEIRA. — Casas por cinco mil réis? Barata feira!

MOTA. — Perdão! Indica por cinco mil réis...

VIEIRA, *sorrindo* — Bem sei, e é isso justamente o que aqui me traz.

MOTA.—Pois volte,seu Vieira,volte,se não quer que lhe aconteça o mesmo que me succedeu, e tem succedido a muita gente.

VIEIRA. — Mas que foi?

MOTA. — Indicaram-me uma casa no morro do Pinto, com todas as accommodações que eu desejava... Você sabe o que é subir ao morro do Pinto?

VIEIRA. — Não.

MOTA. — Então não póde fazer uma idéa! Subo ao morro do Pinto, e encontro a casa occupada!

VIEIRA. — Oh!

MOTA. — Volto aqui, faço ver que a indicação de nada me servio, e peço que me restituam os meus ricos cinco mil réis. Respondem-me que a agencia não me restitue o cobre, porque não tem culpa de que a casa se tivesse alugado.

VIEIRA. — E não deram outra indicação?

MOTA. — Deram. Cá está. (*Mostra um papelinho*).

VIEIRA, *aparte.* — Vou aproveital-a..

MOTA. — Mas provavelmente vale tanto quanto a outra!

VIEIRA, *depois de ler a indicaçao.* — Oh!...

MOTA. — Que é?

VIEIRA. — Esta agora não é má! Rua dos Arcos n. 100! Indicaram a casa em que eu moro!

MOTA. — Então? Quando lhe digo! Vamos embora! Não caia na asneira de lá subir!

VIEIRA. — Naturalmente. Este Rio de Janeiro está perdido!

SCENA II

MOTA, VIEIRA, UMA SENHORA, *depois* UM PROPRIETARIO

A SENHORA, *sahindo da direita.* — Um desaforo! uma pouca vergonha!...

MOTA. — Foi tambem victima, minha senhora?

A SENHORA. — Roubaram-me cinco mil réis!

VIEIRA. — Tambem (justiça se lhes faça!) elles nunca roubam mais do que isso!

A SENHORA. — Indicaram-me uma casa, vou lá, e encontro um typo que me pergunta se eu quero um quarto mobiliado! Vou queixar-me...

MOTA. — Ao Bispo, minha senhora! queixemo-nos todos ao Bispo! (*O Proprietario vae atravessando a scena da direita para a esquerda e comprimenta as pessoas presentes*).

VIEIRA, *embargando-lhe a passagem*. — Não vá lá! Não vá lá, meu caro senhor!... Olhe que lhe roubam cinco mil réis!

O PROPRIETARIO — Nada... eu não pretendo casa; o que eu quero é alugar a minha.

MOTA, VIEIRA e a SENHORA. — Ah! (*Cercam-n'o*).

A SENHORA. — Talvez não seja preciso ir á agencia. Eu desejo uma casa.

VIEIRA. — E eu

MOTA. — E eu.

A SENHORA. — Onde é a sua?

O PROPRIETARIO. — Se querem que eu indique, venham cinco mil réis de cada um.

OS TRES. — Heim?

O PROPRIETARIO. — Ora essa! Porque é que a agencia ha de cobrar e eu não?

MOTA. — A agencia paga imposto, e, apezar dos pezares, é um estabelecimento legalmente autorisado ..

O PROPRIETARIO. — Bem; como eu não sou um estabelecimento legalmente autorisado, dou a indicação por tres mil réis.

MOTA. — Guarde-a.

VIEIRA. — Dispenso-a.

A SENHORA. — Aqui tem os tres mil réis. A necessidade é tanta, que me submetto a todas as patifarias!

O PROPRIETARIO, *muito calmo*. — Patifaria é forte .. mas como a senhora paga...

A SENHORA — Vamos!

O PROPRIETARIO. — A minha casa é na Praia Formosa.

MOTA e VIEIRA. — Que horror!

O PROPRIETARIO. — E' um sobrado com janellas de peitoril. Os baixos estão occupados por um açougue ..

A SENHORA. — Oh! deve haver muitos mosquitos!

O PROPRIETARIO. — Mosquitos ha em toda a parte. Sala, tres quartos, sala de jantar, dispensa, cosinha, latrina na cosinha, agua, gaz, tanque para lavar e gallinheiro.

A SENHORA. — Tem banheiro?

O PROPRIETARIO. — Terá, se o inquillino o fizer. A casa foi pintada e forrada ha dez annos; está muito suja. Aluguel, duzentos mil réis por mez; pagamento adiantado e carta de fiança, passada por negociante matriculado; tresentos mil réis de posse e contracto por cinco annos... O imposto predial e de penna d'agua é pago pelo inquillino.

A SENHORA. — Com os tres mil réis que me roubou, compro uma corda e enforque-se! (*Sae*).

MOTA, *emquanto ella passa.* — Muito bem respondido, minha senhora!

VIEIRA. — Com effeito!...

O PROPRIETARIO. — Mas os senhores...

MOTA, *tirando um apito do bolso.* — Se diz mais uma palavra, apito!

O PROPRIETARIO. — Ora vá se catar! (*Sae pela esquerda*).

VIEIRA. — Que bello typo de proprietario!

MOTA — E ha muitos assim! Vamos embora, seu Vieira.

VIEIRA — Vamos, seu Mota. (*Vão sahindo pela direita, e entra Eusebio com a familia; dão-lhes passagem*).

MOTA. — Coitados! (*Saem*).

SCENA III

EUSEBIO, D. FORTUNATA, QUINOTA, JUCA, BEMVINDA.

EUSEBIO. — Entra! E' aqui!

D. FORTUNATA — Deixe-me arrespirá um bocadinho... Virge Maria! quanta escada!

EUSEBIO. — E ainda é no outro andá. Olhe! (*Lendo*). „Agencia de alugar casas. Preço de cada indicação, cinco mil réis, pagos adiantados".

D. FORTUNATA. — Já não posso mais com esta historia de casa!

QUINOTA — E' um inferno!

BEMVINDA. — Uma desgraça memo!

EUSEBIO. — Ainda assim, levantemo as mão para o céo por ter encontrado aquelle commado n'um cortiço da rua dos Invalio. Oh! mas d'esta vez tenho esperança de arranjá casa! Diz que esta agencia é muito séria. Vamo.

D. FORTUNATA. — Eu não subo mais escada. Espero aqui.

EUSEBIO. — Tudo fica. Eu vou e vorto. (*Vae sahindo*).

JUCA, *chorando e batendo o pé.* — Eu quero í com papae! eu quero í com papae!...

D. FORTUNATA. — Pois vae, diabo!

EUSEBIO. — Vem, vem, não chora, dá cá a mão! (*Sae com o filho pela esquerda*).

SCENA IV

D. FORTUNATA, QUINOTA, BEMVINDA.

QUINOTA. — Mamãe, porque não se senta n'aquelle banco?

D. FORTUNATA. — Ah! é verdade! não tinha arreparado... Estou moida! (*Senta-se e fecha os olhos*).

BEMVINDA. — Sinhá vae dromí.

QUINOTA. — Deixa.

BEMVINDA. — Nhãnhã arreparou naquelle moço que seguio a gente?

QUINOTA. — Olha mamãe. (*D. Fortunata resomna*).

BEMVINDA. — Já está dromindo. . Nhã-nhã reparou?

QUINOTA. — Reparei, sim.

BEMVINDA. — Quando nós fumo naquella casa vê os quadro...

QUINOTA. — Sim, a Escola de Bellas-Artes...

BEMVINDA. — Elle entrou tambem... Pilhou toda a familia descuidada, vendo aquella guerra do quadro grande... e me metteu esta carta na mão!

QUINOTA. — Uma carta! E tu ficaste com ella? Ah, Bemvinda! (*Pausa*). E' para mim?

BEMVINDA. — Pois para quem havera de sê?

QUINOTA. — Dá cá. (*Vae abrir a carta e arrepende-se*). Que asneira ia eu fazendo!

DUETTINO

QUINOTA

Eu gosto de seu Gouveia;
Com elle espero casar;
O meu coração anceia
Pertinho d'elle pulsar...

Portanto, a epistola
Não posso abrir!
Serios escrupulos
Devo sentir!

BEMVINDA

Está longe seu Gouveia;
Aqui agora não vem...
Abra a carta, a carta leia...
Não digo nada a ninguem.

QUINOTA

Não! não! a epistola
Não posso abrir!
Serios escrupulos
Devo sentir!...

Entretanto é verdade
Que tenho tal ou qual curiosidade...
Mamãe, Bemvinda,
Dormindo está?

(D. Fortunata resomna).

BEMVINDA

Sim, e ella memo
Respondeu já.

QUINOTA

E' feio!
Mas que importa? Abro e leio!

(Abre a carta).

QUINOTA

Eu sou curiosa!
Não sei me conter!
A carta amorosa
Depressa vou ler!

BEMVINDA

E' bem curiosa,
Não ha que dizer!
A carta amorosa
Depressa vae ler!

QUINOTA, *lendo a carta.* — „Minha bella mulata"....
AMBAS. — Uê!...

QUINOTA, *lendo*. — „Minha bella mulata. Ha cinco dias te sigo por toda a parte, e ha tres noites rondo a estalagem da rua dos Invalidos onde tu moras. Vejo que és mucama de uma familia do interior..." A carta é para ti. (*Dá a carta a Bemvinda. — Aparte*). Fui bem castigada.

BEMVINDA. — Leia p'ra eu ouvi, nhã-nhã.

QUINOTA. — „Se queres ter uma posição mais independente, e uma casa mais confortavel..."

BEMVINDA. — Gentes!

QUINOTA. — „Estou ás tuas ordens na rua de Rezende n. 180. Nada te faltará. Procura pelo Figueiredo."

BEMVINDA, *aparte*.—Rua de Rezende n. 180 (*Alto*). Rasga essa carta, nhã-nhã! Veja que senvergonhice de home!..

QUINOTA, *rasgando a carta*. — Se papae soubesse...

BEMVINDA, *aparte*. — Figueiredo...

SCENA V

AS MESMAS, EUSEBIO e JUCA

EUSEBIO. — Já tenho uma indicação.

D FORTUNATA, *acordando*. — Ah! quasi pego no somno! — Temos casa?

EUSEBIO. — Temos. Vamo á Praia Fermosa.

D. FORTUNATA. — Ora graças!

EUSEBIO. — Diz que o logá é aprasive, a casa muito boa... e tem a vantage de está pru cima de um açougue, o que qué dizê que nunca fartará carne. Vamo!

QUINOTA — E' muito longe?

EUSEBIO. — E', mas tomemo o bonde alli na rua Direita... Vamo!...

JUCA. — Eu quero í com Bemvinda!

D. FORTUNATA. — Bem! vae com Bemvinda, vae! E' preciso muita paciença para aturar este demonio d'este menino! (*Saem todos*).

BEMVINDA, *sahindo por ultimo com Juca pela mão*. — Figueiredo .. Rezende n. 180...

SCENA VI

TRIBOFE, FRIVOLINA, *vestida de homem*, e O PROPRIETARIO

FRIVOLINA. — Póde ir descançado, que a sua casa será alugada.

TRIBOFE. — Mas olhe que o preço é muito exagerado...

O PROPRIETARIO. — Exagerado! Duzentos e cincoenta mil réis! E' de graça na época actual, creia que é de graça! (*Apertando-lhes a mão*). Mas adeus! adeus!... tenho ainda que ir arranjar mandado de despejo contra uma viuva, minha inquillina, que ha tres mezes não me paga o aluguel da casa. (*Sae*).

SCENA VII

TRIBOFE, FRIVOLINA

TRIBOFE, *n'um tom de desabafo*. — Sabes que mais? Renuncio a isto de agencia de alugar casas!

FRIVOLINA. — Porque?

TRIBOFE. — Não é máo o negocio; é mesmo optimo... Mas apanha-se muita descompostura... Chamaram-me hoje ladrão dezesete vezes!... Tive a pachorra de contal-as! O tribofe aqui é muito escandaloso. Eu preferia coisa em que não tivessemos de especular com as necessidades publicas!

FRIVOLINA. — Pois mudemos de profissão! Vamos para o Encilhamento! A febre das companhias ainda dura, e ha muito que tribofar por esse lado.

TRIBOFE. — Isso é verdade! Nestes ultimos dias têm sido lançadas umas vinte emprezas, e todas dão agio!

COPLA

Tivemos a „ Frigorifica “,
A „ Mineira Pastoril “,
E tambem a „ Gordorifica
Industrial e Mercantil “,
„ Manufactora de Lenha “,
„ Productos de Papelão“ ;
E muitas cuja resenha
Seria uma amolação.
Eu de ver já me não privo
Em lettras grandes até:
„ Companhia do Olho-Vivo,
Róe-a-Corda e Passa-o-Pé. “

FRIVOLINA. — Ao Encilhamento!

TRIBOFE. — Ao Encilhamento!

(*Saem. Mutação.*)

QUADRO TERCEIRO

Na rua 1° de Março. A' esquerda parte do edificio da Bolsa e á direita parte do edificio do Correio.

SCENA PRIMEIRA

ZANGÕES, PESSOAS DO POVO, *depois* COMPANHIAS e BANCOS, depois o CAMBIO, *depois* TRIBOFE e FRIVOLINA.

(Ao erguer o panno ha grande movimento em scena. Os compradores e vendedores de titulos cruzam-se em todos os sentidos.)

CORO

Que ajuntamento,
Que movimento
No Encilhamento
Se faz notar!
Toda esta gente
Quer de repente,
Rapidamente,
Cobre apanhar!

(Entrada de oito Companhias, acompanhadas por oito Bancos).

AS COMPANHIAS

Eis as novas Companhias,
Que vão dar um dinheirão!
Olhem pr'estas bizarrias!
Vejam só que perfeição!

OS BANCOS

Eis aqui os novos Bancos,
Que vão dar um dinheirão!
Libras, dollars, marcos, francos
Vamos ter em profusão!

(Entra o Cambio a dansar, e colloca-se no meio dos Bancos e Companhias).

O CAMBIO

Mim ser o Cambia !
Bem alta estar...
Mas desconfia
Que vae baixar..

UMA COMPANHIA

Deixa-te d'isso !
E's bom rapaz,
E com certeza
Não baixarás...

O' companheiros,
Sem mais tardar
Em volta ao Cambio
Toca a dansar !

OS BANCOS e as COMPANHIAS, *dansando em redor do Cambio.*

Eis aqui os novos Bancos, etc.
Eis as novas Companhias, etc.

CÔRO GERAL

Que ajuntamento ! etc.

(*Saem os Bancos, as Companhias e o Cambio sempre a dansar. Continúa o movimento no fundo do theatro. Entram Frivolina e Tribofe.*)

TRIBOFE. — Isto é que é vida ! Já realisei meia duzia de legitimos tribofes! Agora mesmo comprei a prazo quinhentas acções da Companhia Constructora de Cortiços Hygienicos, e não sei onde vá buscar dinheiro para pagal-as.

FRIVOLINA. — Vencido o prazo, ou as acções têm subido e pagas, ou têm baixado e róes a corda. Não serás o primeiro.

TRIBOFE. — Nem o segundo.

FRIVOLINA. — Nem o ultimo !

SCENA II

TRIBOFE, FRIVOLINA, UM MALUCO, FIGURANTES.

TRIBOFE, *ao Maluco, que vem ao seu encontro.* — Que deseja ? Credito Movel ? Iniciadoras ? Sorocabanas ? Industrial dos Estados ? Chopim ? Araxá ? Pariz e Rio ? Rio e Estados ? Melhoramentos do Rio de Janeiro ? Melhoramentos da Gavea ? Melhoramentos de Santa Thereza ? Melhoramentos do Maranhão ? Melhoramentos da Lagôa e Botafogo ? Melhoramentos...

O MALUCO, *pondo-lhe a mão na boca.* — Basta !

FRIVOLINA. — Não quer papeis ?

O MALUCO. — Nada, não gosto. Desejo apenas que os senhores me indiquem onde e como posso fallar ao chefe de policia.

TRIBOFE. — E' muito simples. O senhor faz um rolo, eu apito, vem uma praça, agarra-o, e leva-o á presença d'elle.

FRIVOLINA. — Ha um meio menos espectaculoso. E' tomar alli mais adiante o bonde que passa na rua do Lavradio, e dizer ao conductor que pare na porta da Policia.

O MALUCO. — Prefiro esse meio.

TRIBOFE. — Vae queixar-se de alguem ?

O MALUCO — Não, senhor. O amigo não adivinha o que eu sou ?

TRIBOFE. — Não.

O MALUCO. — Nem o senhor ?

FRIVOLINA. — Nem eu.

O MALUCO — Reparem bem. Este olhar desvairado... este ar espantado... este todo desconfiado...

TRIBOFE. — E essas rimas em ado... E' um poeta !

FRIVOLINA. — Ou um idiota !

O MALUCO. — Um idiota ? Quasi que adivinhou... mas sou alguma coisa mais. Reparem bem.

FRIVOLINA. — Não ha que ver : é maluco !

O MALUCO. — A'q'u'qui ! Adivinhou. (*Com orgulho*). Eu sou maluco ! (*Tribofe e Frivolina afastam-se*). Oh ! nada receiem... Sou um maluco manso... E tanto assim é, que venho em pessoa trazer ao chefe de policia este officio (*Mostra-o.*) do juiz municipal de Carangola, pedindo-lhe que me faça recolher ao Hospicio.

FRIVOLINA. — Sim, é manso, mas póde de repente ficar furioso !

O MALUCO. — Se isso acontecer, o que não creio, cá trago uma camisola de força. (*Mostra um embrulho*). Oh ! eu sou um maluco de muito juizo !

TRIBOFE. — Bom! vá, vá ter com o chefe de policia, vá! Mas, antes d'isso, se quizer um pouco de Chopim ou de Araxá...

O MALUCO — Está doido! Pois se eu lhe estou dizendo que sou um maluco de muito juizo! — Passem bem, meus senhores. Lá estou no Hospicio ás ordens. (*Sae*).

FRIVOLINA — Coitado!

TRIBOFE — Qual! aquillo é plano... Não achou casa para alugar, e quer ir morar no Hospicio.

(*Frivolina e Tribofe afastam-se para o fundo, apregoando os seus papeis, e desapparecem*).

SCENA III

GOUVEIA, ERNESTINA, *depois* PINHEIRO, FIGURANTES.

GOUVEIA, *entrando, a Ernestina, que o segue.* — Já te disse que não quero conversas aqui na praça... Tu me compromettes!.. Il faut avoir du *jouise.*

ERNESTINA.— Je t'aime!

GOUVEIA —Je sais que tu m'aimes, et moi aussi je t'aime... mais pas ici... Ici c'est pour les affaires!

ERNESTINA.— Eh bien! viens diner aujourd'hui chez moi... chez ta p'tite Titine...

GOUVEIA.— J'irais.

ERNESTINA.— Si tu ne viens pas, j'irais te chercher jusqu'au bout du monde!

GOUVEIA.— J'irais... attends-moi à cinc heures...

ERNESTINA.— Adieu, mon gros chien .. ne me fais pas poser. (*Sae*).

GOUVEIA, *comsigo.* — Esta franceza é adoravel. . não chóro uma boa duzia de contos de réis que tenho gasto com ella... mas tem um grande defeito: é muito *collante*... Estas ligações têm os seus inconvenientes... Mas como acabar com isto?... Já me lembrei de dar um passeio a Minas, e voltar casado com aquelle pobre Quinota, que tão queixosa deve estar de mim... Mas o casamento não será peior?... (*Sahindo*). E' bem bonita a Quinota!

PINHEIRO, *entrando e encontrando-se com Gouveia.* — Oh! Gouveia! Que é isto?! Que chiquismo! Pharol no dedo!... Bravo!... Vejo que as coisas têm te corrido ás mil maravilhas!...

GOUVEIA, *meio frio.* — Ah! és tu, Pinheiro? Sim... dizes bem... Tenho ganho para ahi uns cobres...

PINHEIRO. — Este Encilhamento tem limpado a muita gente!

GOUVEIA. — Perdão, mas eu nunca fui sujo!

PINHEIRO. — Sujo não digo... mas, vamos lá! já te conheci páo de larangeira... Por signal que...

GOUVEIA. — Por signal que uma vez te pedi cinco mil réis... Fazes bem em lembrar-me.

PINHEIRO — Eu não te lembrei coisa alguma.

GOUVEIA. — Aqui tens vinte: dou-te quinze de juros.

PINHEIRO. — Vocês do Encilhamento têm a esmola facil, bem sei... mas... que diabo! guarda o teu dinheiro, e não o dês a quem t'o não pede. Fico apenas com os cinco mil réis que te emprestei com muito boa vontade e sem juros. Quando precisares d'elles, vem buscal-os Cá ficam

GOUVEIA. — Oh! não hei de precisar, graças a Deus!...

PINHEIRO. — Homem, quem sabe! O mundo dá tantas voltas!

GOUVEIA. — Adeus! Vou subir a rua do Ouvidor e tomar a minha caleça, que me espera no largo de S Francisco.

PINHEIRO. — A tua caleça? Pois tens caleça? Ora o Gouveia! Adeus, Gouveia! (*Aparte*) Está aqui, está visconde! (*Desapparece. Gouveia vae sahindo, e encontra-se com Eusebio, que entra, acompanhado pela familia.*)

SCENA IV

GOUVEIA, EUSEBIO, D FORTUNATA, QUINOTA e JUCA.

EUSEBIO — Oh! seu Gouveia!... (*Chamando*). D. Fortunata! Quinota!... (*Cercam todos o Gouveia*).

AS SENHORAS E JUCA. — Oh! seu Gouveia! (*Apertam-lhe a mão*)

EUSEBIO. — Seu Gouveia! (*Abraça-o*).

GOUVEIA, *atrapalhado* — Senhor Eusebio... Minha senhora... D. Quinota... (*Aparte*). Maldito encontro!

CANTO

EUSEBIO E A FAMILIA

Seu Gouveia finalmente!
Seu Gouveia appareceu!
Seu Gouveia está presente!
Seu Gouveia não morreu!

EUSEBIO

Andei por todas as ruas,
Toda a cidade bati,
E de ter noticias suas
As esperança perdi!

QUINOTA

Mas ao meu anjo da guarda
Em sonhos dizer ouvi:
Socega que elle não tarda
A apparecer por ahi.

TODOS

Seu Gouveia finalmente!
Seu Gouveia appareceu!
Seu Gouveia está presente!
Seu Gouveia não morreu!

D. FORTUNATA — Ora, seu Gouveia! o sinhô chegou lá na fazenda feito cometa, e começou a namorá Quinota. Pedio ella em casamento, veio se embora dizendo que vinha tratá dos papé, e nunca mais deu signá de si... Isto se faz, seu Gouveia?...

QUINOTA.— Mamãe. .

EUSEBIO. — Como Quinota andava apaixonada, coitadinha! que não comia, nem bebia, nem dromia, nem nada, nós arresolvemo vi le procurá... porque le escrevi tres carta que ficou sem resposta ..

GOUVEIA.— Não recebi nenhuma.

EUSEBIO.— Então entreguei a fazenda a seu Borge, que é home em que a gente póde confiá, e aqui estemo!

D. FORTUNATA.— O sinhô sabe que com moça de familia não se brinca... Se seu Eusebio não soubé sê pae, aqui estou que hei de sabê sê mãe!

QUINOTA.—Mamãe... tenha calma .. seu Gouveia é um moço sério...

GOUVEIA.—Obrigado, D. Quinota... Sou realmente um moço sério, e hei de justificar plenamente o meu silencio. Espero ser perdoado.

QUINOTA.— Eu ha muito tempo lhe perdoei.

GOUVEIA, *aparte*. — Está ainda mais bonita!

EUSEBIO. — O sinhô póde se gabá de me tê feito passá por boas! Tamo no Rio de Janeiro vae fazê dous mez, e ainda não temo casa!

GOUVEIA. — Não têm casa ?!

EUSEBIO. — Não sinhô. . Os hoté estão assim... (*Signal de que os hoteis estão cheios*)... e não ha uma casa p'ra alugá... Uma agencia me indicou um sobrado na Praia Fermosa, por cima de um açougue, mas o dono não quiz alugá senão com contracto por cinco anno, ou então quinhento mi rés por mez.

GOUVEIA. — E onde moram?

D. FORTUNATA. — Não nos falle... Já moremo n'um bonde...

QUINOTA. — Mamãe!

D. FORTUNATA. — Agora moremo n'uma estalage da rua dos Invalio.

EUSEBIO. — Oh! mas desta vez conto c'a sua casa, seu Gouveia.

GOUVEIA. — Um aposento de rapaz... E' impossivel! (*Aparte*). E a franceza?

QUINOTA. — Para quem já morou n'um bonde...

GOUVEIA. — Descancem: ha de se arranjar casa. Mas, ao que vejo, veio toda a familia?

EUSEBIO. — Toda!... D. Fortunata... Quinota... o Juquinha...

JUCA. — A Bemvinda...

EUSEBIO. — Ah! é verdade! nos aconteceu uma desgraça!

D. FORTUNATA. — Uma grande desgraça!

GOUVEIA. — Que foi? Ah! já sei... o senhor foi victima do " conto do vigario „ ?

EUSEBIO. - Não foi isso

JUCA. — Foi a Bemvinda que fugio.

QUINOTA. — Cala a boca!

JUCA. — Fugio c'um home!

EUSEBIO. — Cala a boca, menino!

JUCA. — Foi mamãe que disse!

D. FORTUNATA. — Cala a boca, diabo!

EUSEBIO. — O sinhô não se alembra da Bemvinda?

D. FORTUNATA — Aquella mulatinha, cria da fazenda?

GOUVEIA — Lembra-me.

EUSEBIO. — Um dia de menhã, a gente acorda... precura...

D. FORTUNATA. — Quê dê Bemvinda?

GOUVEIA. — Póde ser que a encontrem.

D FORTUNATA.— Mas em que estado, seu Gouveia?

EUSEBIO.— Antes ella tivesse casado com seu Borge... Elle queria... Eu é que tirei da cabeça d'elle... Mas não fiquemo aqui... Temo muito que conversá, seu Gouveia. Não quero que D. Fortunata diga que eu não sei sê pae... Quero sabê se o sinhô está ou não está disposto a cumprí a sua palavra!

GOUVEIA. — Certamente. Se D. Quinota ainda gosta de mim...

QUINOTA, *baixando os olhos*.— Eu gósto...

GOUVEIA — Agora estou em melhor posição Mas vamos! Em caminho conversaremos. São contos largos. (*Aparte*). Não passo pela rua do Ouvidor com elles!

EUSEBIO.— Vamo jantá.

GOUVEIA.— Ainda é cedo. Onde costumam jantar?

EUSEBIO.— Nós jantemo todos os dia n'um botesinho da rua da Lampadosa.

GOUVEIA.—Hoje havemos do jantar no Munchen. Vamos tomar um carro. (*Dá o braço a Quinota*).

D. FORTUNATA, *querendo separal-os*.— Mas...

EUSEBIO.— Deixe... Isto aqui é moda. A senhora se alembre que não estamos em S. João do Sabará.

JUCA.— Eu quero í na boleia!

D. FORTUNATA. — Principia! Principia! Que menino, minha Nossa Senhora!

EUSEBIO.—Tu vae mas é p'ra o collegio! Amenhan memo seu Gouveia vae tratá d'isso.

GOUVEIA, *sahindo* — Ainda me amas, Quinota?

QUINOTA.— Eu gósto muito do senhor. (*Saem*).

SCENA V

FRIVOLINA, TRIBOFE, FIGURANTES, *depois* ANACLETO, *depois* AMBROSIO.

FRIVOLINA.— O dia não tem sido máo!

TRIBOFE. — Esplendido! (*Vendo Anacleto, que passa chorando*) Coitado! este com certeza sahiu-se mal n'alguma operação!

ANACLETO.— Engana-se... Venho do hospital de S. Sebastião...

FRIVOLINA.— Do hospital? Nesse caso, a operação foi cirurgica.

ANACLETO. — Perdi um amigo. . o meu melhor amigo...

FRIVOLINA. — Dizem que esse hospital é uma especie de inferno de Dante...

TRIBOFE. — " Lasciate ogni speranza, o' voi che entrate!

ANACLETO. — Vim agora de lá... Imaginem como fiquei quando me disseram que o meu pobre amigo foi enterrado ante-hontem (*Nisto vê Ambrosio, que entra, vestido de soldado de policia, com uma farda que mal lhe serve e um boné que lhe fica no alto da cabeça. Anacleto solta um grande grito e põe-se a tremer.*) Oh! ..

FRIVOLINA E TRIBOFE. — Que é?

ANACLETO, *sem poder fallar* — E' um espectro... um phantasma... a sombra do meu amigo... vestido de soldado! (*Recua e treme*).

TRIBOFE. — Assentou praça no outro mundo!

AMBROSIO. — Anacleto! (*Abre-lhe os braços*).

FRIVOLINA. — Não tenha medo, que o defunto está vivo!

ANACLETO. — Ambrosio!... Tu não morreste?...

AMBROSIO. — Pois me suppunhas morto?

ANACLETO. Disseram-me hoje no hospital que tinhas sido enterrado ante-hontem.

TRIBOFE. — Você tem toda a certeza de que não morreu?

AMBROSIO, *com energia.* — Toda! (*Outro tom*). Quem morreu foi um soldado de policia. Enterraram-no com a minha roupa, e deixaram-me a d'elle.

FRIVOLINA — Por isso é que está tão curta!

AMBROSIO. — Ainda bem que te encontro. Ia para casa mudar de roupa antes que me prendessem por andar fardado. Vamos! tenho que te contar muitas coisas do hospital de S. Sebastião.

ANACLETO. — Este senhor acaba de me dizer que aquillo é um inferno de .. Inferno de que?

FRIVOLINA. — De Dante.

ANACLETO. — De Dante; é?

AMBROSIO. — Inferno, isso é; se de Dante não sei, porque não conheço. Vamos. Meus senhores!

TRIBOFE. — Adeus! a terra lhe seja leve.

FRIVOLINA. — Adeus, e parabens. (*Anacleto e Ambrosio saem*). Ahi está um homem feliz: foi ao hospital do Cajú, e voltou!

TRIBOFE. — Mas vê que d'alli o doente sae morto, mesmo quando escapa. E' um tumulo... quero dizer: é um cumulo! (*Frivolina e Tribofe afastam-se para o fundo. Musica na orchestra. Entra da direita a Febre Amarella, com preparos de viagem*).

SCENA VI

TRIBOFE, FRIVOLINA, *ao fundo*, A FEBRE AMARELLA, *depois* A VARIOLA.

A FEBRE AMARELLA. — O tempo está refrescando. E' tempo de me pôr a pannos. Vou me embora. (*Vae sahindo; entra a Variola, tambem com preparos de viagem*). Oh! Variola! chegas agora?...

A VARIOLA. — E' verdade, Febre Amarella!

A FEBRE AMARELLA. — E eu parto.

A VARIOLA. — Venho substituir-te. (*Apertando-lhe a mão*) Foste feliz?

A FEBRE AMARELLA. — Felicissima.

A VARIOLA. — Que tal a Inspectoria de Hygiene?

A FEBRE AMARELLA. — Boa.

A VARIOLA. — E a Intendencia Municipal?

A FEBRE AMARELLA. — Optima!

VARIOLA — Ainda bem! Até a vista!

A FEBRE AMARELLA. — Sê feliz (*Apertam-se as mãos, e saem, a Febre Amarella pela direita e a Variola pela esquerda. Cessa a musica*).

SCENA VII

TRIBOFE, TRIVOLINA, A LIBERDADE.

(*A Liberdade entra, e Tribofe, Frivolina e os figurantes descem com ella ao proscenio.*)

A LIBERDADE. — Deixem-me respirar! Deixem-me respirar! Ah! como agora respiro á vontade! Já não podia! Tantos mezes de dictadura!... (*Respirando*). Ah!...

FRIVOLINA. — Quem é esta senhora que precisa tanto de ar?

TRIBOFE. — Não sei.

A LIBERDADE. — Eu sou a Liberdade!...

TODOS — A Liberdade! ..

TRIBOFE. — Não admira que não a conhecessemos. V. Ex. vende-se tão caro!

A LIBERDADE. — Estou satisfeita! muito satisfeita! satisfeitissima!...

TODOS. — Porque?

A LIBERDADE. — Acaba de ser promulgada a Constituição da Republica!...

TODOS. — Ah!

A LIBERDADE. — Agora, cumpre aos Brasileiros respeital-a e engrandecel-a! *(Aponta para o fundo. Musica. Mutação).*

QUADRO QUARTO

Apotheose á Constituição.

(Os personagens que estavam em scena afastam-se. Os Estados do Brasil, que appareceram com a apotheose, descem e formam posições plasticas em roda da Liberdade, que occupa o centro da scena.)

ACTO SEGUNDO

QUADRO QUINTO

No largo de S. Francisco de Paula.

SCENA PRIMEIRA

VISCONDE DE A., VISCONDE DE B, VISCONDE DE C., BARÃO DE X., VISCONDESSA DE Y., BARONEZA DE Z., MEMBROS DO HIGH-LIFE.

(*Entram ruidosamante, trazendo cada um o seu diploma de cocheiro na mão.*)

CORO

P'r'a evitar qualquer vexame
Da Intendencia M'nicipal,
Fizemos todos o exame
O bello exame legal!
Approvados fomos!
Um diploma temos!
Bolieiros somos!
Bolear podemos!
Clic! Clac!
Clic! Clac!

VISCONDE DE A.— Não acha, baroneza? Se eu algum dia cahir na miseria, tenho ao menos esta profissão.

BARONEZA DE Z.— Naturalmente, visconde.

VISCONDE DE B.— Uma boa patacuada o tal exame! Uma cerimonia *pro formula!* A mim não me examinaram nada!

BARÃO DE X.— Deixa-os lá, visconde. Ao menos, temos agora o direito de pisar os transeuntes sem que se possa attribuir o desastre á nossa impericia!

VISCONDE DE B.— Isso não é commigo, barão, porque eu, antes de ser banqueiro, fui cocheiro de tilbury.

BARÃO DE X — Então porque não aproveitaste o diploma?

VISCONDE DE B.— Sei lá que fim levou!

VISCONDESSA DE Y, *ao Visconde de C.*— Visconde?

VISCONDE DE C.— Viscondessa?

VISCONDESSA DE Y — Porque sua senhora, a viscondessa, não prestou tambem exame?

VISCONDE DE C.— Porque não quero que se diga que minha mulher é uma cocheira.

BARONÈZA DE Z — Eu pouco me importa com os *calembours*.

VISCOEDESSA DE Y.— E eu.

VISCONDE DE A.— Bom! vou tomar a minha victoria.

VISCONDE DE B.— E eu o meu landó.

VISCONDE DE C.— Os nossos carros estão todos juntos. Agora sim; convenham que o largo de S. Francisco tem agora um só europeu.

BARONEZA DE Z.— Foi-se o jardim... foi-se a grade... e José Bonifacio ficou mais desafrontado.

VISCONDESSA DE Y.— Vamos?

TODOS.— Vamos! (*Repetem o côro e saem*)

SCENA II

GOUVEIA, ERNESTINA

GOUVEIA.— Não, Ernestina, não! Decididamente é preciso acabar com isto!

ERNESTINA — Não te largo um momento!

GOUVEIA.— Deixa fallar-te com o coração nas mãos: esse casamento será a minha salvação!

ERNESTINA.— Não me falles em casamento, se não queres que eu tenha uma syncope!

GOUVEIA.— Os meus papeis baixaram todos de repente. Fiquei com as cartas na mão. Os recursos que eu possuia estão quasi inteiramente esgotados. Bens de sachristão cantando vêm cantando vão!

COPLA

O bom tempo lá vae da fartura,
Pois não ganho dez réis hoje em dia!
Já vendi — Vê tu lá que amargura! —
O pharol que no dedo trazia!

O destino pregou-me uma peça...
E' segredo, mas vou revelal-o:
Deitei hontem no prego a caleça,
Para dar de comer ao cavallo!

ERNESTINA.— Que me importa que estejas pobre? Não é o teu dinheiro que eu quero: é o teu amor!

GOUVEIA, *aparte.*— Pois sim!

ERNESTINA, *com lyrismo* — Vamos viver longe, muito longe d'aqui... Trabalharemos um para o outro!

GOUVEIA.— Eu conheço essa cantiga do teu amor e uma cabana — Filha, os tempos são positivos. Deixa-me tratar da vida, que a morte é certa.. Tu pelo teu lado pódes ser mais feliz com outro do que commigo...

ERNESTINA.— Outro?! Não! não quero outro!... Seguir-te-hei por toda a parte! Serei a tua sombra! Je t'aime! je t'aime!...

GOUVEIA.— Moi aussi, je t'aime; je te l'ai dejá dit un million de fois, mais... (*Olhando para o bastidor.*) Misericordia!... Elles!... (*Foge.*)

ERNESTINA, *acompanhando-o.*— Tu ne m'echapperas pas! (*Sae correndo.*)

SCENA III

D. FORTUNATA, EUSEBIO, QUINOTA.

D. FORTUNATA, *que é a primeira a apparecer.*—Olhe! Lá vae! E' elle, é seu Gouveia, com a mesma franceza com quem estava o outro dia no Eldorado, vendo a dansa do ventre! (*Correndo e gritando.*) Seu Gouveia! seu Gouveia!

EUSEBIO, *indo agarral-a pela saia.* O' senhora, não faça escandalo! Que maluquice de muié!

QUINOTA, *abraçando o pae.*— Papae, eu sou muito infeliz!

EUSEBIO.— Aqui está! é o que a senhora queria!

D. FORTUNATA.— Aquillo é um desaforo que eu não possa admittí! O diabo do home é noivo de nossa filha, e anda por toda a parte c'uma pelintra!

EUSEBIO.— Que pelintra, que nada! Não acredita, filha da minha bença! é uma prima d'elle... Coitadinha!... Chorando!... (*Beija-lhe os olhos.*)

QUINOTA.— Eu gósto tanto d'aquelle ingrato!

EUSEBIO.— Elle tambem gosta de ti. . e ha de casá comtigo.

D. FORTUNATA, *puxando Eusebio de parte.* — E' perciso que você tome uma porvidencia quaqué, seu Eusebio... Se não, faço uma estralada!

EUSEBIO, *baixo.*— Fique descançada. Eu já sei onde mora essa franceza. Hoje memo, agora memo vou na casa d'ella. Vacês dua vão p'ra casa. Eu já vou.

QUINOTA.— Lá vamos para aquelle forno!

EUSEBIO.— Tem paciença, Quinota. Emquanto não se acha casa, a gente deve se contentá c'aquelle sote que seu Gouveia arranjou... Aquillo sempre é mió que o cortiço.

D FORTUNATA.— Vamo, Quinota.

QUINOTA.— Não se demore, papae.

EUSEBIO.— Não. (*Leva-as até o bastidor, e voltando, vê pelas costas Bemvinda, que entra pelo primeiro plano muito bem trajada, mas com certa exageração ridicula.*)

SCENA IV

EUSEBIO, BEMVINDA.

EUSEBIO.— Olé! Que tentação! (*Seguindo Bemvinda.*) Pscio! O' dona!... Dona!... (*Bemvinda volta-se.*) Bemvinda!...

BEMVINDA. — Oh!... (*Assestando uma marquise.*) Viva! Como tem passado?...

EUSEBIO.— A mulata de luneta, minha Nossa-Senhora!... Este mundo tá perdido!...

BEMVINDA, *dando-se ares e sibillando os ss.* — Deseja alguma coisa? Estou ás suas ordes.

EUSEBIO.— Ah! ah! ah! que mulata prenostica! Quem havera de dizê!... Vem cá, diabo, vem cá; me conta tua vida!...

BEMVINDA, *mudando de tom.*— Vam'cê não tá zangado commigo?

EUSEBIO.— Eu não! Tu era senhora de teu nariz e eu sou home casado... D. Fortunata, essa é que não te predoa... Tu podia tê sahido de casa se despedindo da gente.

BEMVINDA.— Vam'cês inda mora na estalage?

EUSEBIO.— Não. Nos mudemo para um sote aranjado por seu Gouveia... Paguemo sessenta mi rés por mez.

BEMVINDA.— Ah! seu Gouveia sempre appareceu?

EUSEBIO.— Appareceu, e tá tudo combinado... mas o diabo é uma franceza bonita que eu tenho de precurá para

vê se desempede o moço, indas memo que eu tenha de gastá alguma coisa.

BEMVINDA.— Sinhá? nhan-nhan? nhô Juquinha? tá tudo bom?

EUSEBIO.—Tudo tá bom. Juquinha entrou p'r'o internato do Gymnaso Nacioná. Diz que é o mió collegio do Rio de Janeiro.— E tu, mulata?

BEMVINDA.—Eu deixei seu Figueiredo, porque era um home muito enjoado.

EUSEBIO.— Sei lá quem é seu Figueiredo!

BEMVINDA.— Hoje tou morando no hoté Provençaux.

EUSEBIO.—Eu sei; aquelle no ponto dos bonde de Botafogo.

BENVINDA.—Esse memo. (*Assestando a marquise.*) Se quizé apparecê, não faça cerimonia! (*Sae gingando.*) Au revoir!

EUSEBIO.— Ahi, mulata!...

SCENA V

EUSEBIO, *depois* JUCA, ESTUDANTES.

EUSEBIO, *que fica em scena a rir-se ás gargalhadas, mas de repente se põe muito serio.*—Quem teve a curpa fui eu... Ella era innocente... Mas que querem?... São fraquezas humana!... Quando me alembra que seu Borje queria casá co'ella... Antes tivesse casado... (*Bulha. Atravessa a scena um grupo de estudantes, e entre elles Juca.*)

OS ESTUDANTES.— Viva a liberdade! Viva! Fóra o vice-reitor! Fóra!...

EUSEBIO.— Que é aquillo?! Oh! o Juca no meio d'aquelle bando!... (*Vae buscar o filho pela orelha. Os outros estudantes saem, dando vivas.*)

JUCA.— Ai! ai! ai!

EUSEBIO.— Então que é isto, maroto?

JUCA.—Nós fizemo grève!

EUSEBIO.— Grève!

JUCA.— Sim, sinhô, e demo uma vaia no vice-reitô! Diz que o collegio vai ser fechado... Que bão!...

EUSEBIO.—Já p'ra casa!

JUCA.—Não, sinhô, não deixo os meus companheiro! (*Sahindo a correr e a gritar.*) Viva a liberdade!...

EUSEBIO.—Ah, tratante! Espera! (*Quer correr e muda de resolução*). Quá! eu não pego elle! Deixa está, cachorro,

que tua mãe te ensina! Que mania de grève! Até as criança! — A mulata, coitada, não me sae da cabeça! O que devo fazê é tratá de casá ella, ou co'seu Borge ou co'outro quarqué... Tenho um peso na consciença, porque fui eu que desencaminhei ella... Fraquezas humana.

SCENA VI

EUSEBIO, SOTERO.

SOTERO, *que entra cantando, e acompanhando-se á viola.*

Eu sou feliz quando tenho
Uma fatia de pão,
Um copinho de cachaça
E uma viola na mão!

EUSEBIO. — Olé! um patricio! (*Toma-lhe a viola e canta.*)

O' meu patricio, me diga...
Quem pregunta qué sabê...
Me diga d'onde é que veio,
Me diga quem é vacê.

SOTERO. — Ah! é desafio? (*Tomando a viola e cantando.*)

Meu nome chama Sotero,
Venho de Minas-Geraes;
Sou boiadeiro de fama,
Boiadeiro e nada mais.

EUSEBIO, *aparte.* — Não ha que vê! Achei marido para a mulata! (*Toma a viola e canta.*)

Sympathiso com vacê,
Porisso quero lhe dá
Uma noiva bem bonita
Para vacê se casá!

SOTERO, *toma a viola e canta.*

Diz uma velha cantiga,
Que eu aqui posso cantá,
Que não ha nada mais pió
Do que um home se casá.

EUSEBIO, *mesmo jogo de scena.*

Dou-lhe uma noiva bonita
E dou-lhe um conto de réis;
Se vacê topa, patricio,
Vamo trata dos papé.

SOTERO. — Home, isso é serio ?
EUSEBIO. — Serio. Eu nunca minto, memo na viola.
SOTERO. — Uma noiva bonita e um conto de rés ?
EUSEBIO. — Sim, sinhô
SOTERO. — Quando a esmola é muita, o pobre desconfia. (*Eusebio vae responder na viola. Sotero toma-lhe o instrumento.*) Não ! Diga sem viola !
EUSEBIO. — Eu gosto de vacê, patricio... Sympathiso c'a sua phyniosomia. Perciso casá a pequena. Se não quizé, paciença; se quizé, aqui tem duzento mi rés por conta. (*Dá-lhe uma nota.*)
SOTERO. — Vamo vè a fazenda.
EUSEBIO. — Agora não, porque tenho de i a um logá com muita pressa. Mas logo, na boquinha da noite, me espere na rua do Ouvidô, canto de Gonçarve Dia.
SOTERO, *guardando a nota* — Tá dito !
EUSEBIO. — Então até logo, patricio !
SOTERO. — Até logo.
EUSEBIO. — Não farte ! (*Aparte.*) Vou á casa da franceza. (*Sae.*)
SOTERO, *só, tirando a nota da algibeira e examinando-a* — Duzento mi rés ! E' a primeira vez que tenho tanto dinheiro junto ! Oh ! que vejo ! uma cabeça de boi... com dous grandes chifres !... Um... P'ra longe o agouro ! Guardo o cobre e lá não vou ! (*Cantando á viola.*)

Meu pai foi sempre sorteiro,
Meu avô sorteiro foi,
E eu tambem de boiadeiro
Não quero passar a boi...

(*Sae*)

SCENA VII

TRIBOFE, FRIVOLINA, *vestidos ambos de pelotaris do Fronton Fluminense.*

TRIBOFE.— Nova reforma do tribofe!
FRIVOLINA.— O Fronton Fluminense!...

COPLA

TRIBOFE

Tantos, quiniellas e pelotaris!
Temos um vocabulario novo!...

FRIVOLINA

Entre os joguinhos mais populares,
Nenhum agrada tanto ao Zé Povo!

AMBOS

No entanto, é bom
Muita cautela
Ter no jogar,
Pois no Fronton
Ganha a quiniella
Que quer ganhar!

TRIBOFE.— E' verdade! Um joguinho esplendido para o tribofe! com uma pelota chamba um delantero póde arranjar uma boa maquia! Não ha receio de que o zagueiro faça uma boléa! Que jogão! Mas desconfio que a policia qualquer dia mette o bedelho na cancha, e acaba com tudo aquillo!

FRIVOLINA.— Pois que acabe! Não nos ha de faltar em que empregar a nossa actividade!

TRIBOFE.— Viste a noticia d'aquelles quinze mil contos phantasticos? Que bom tribofe!...

SCENA VIII

TRIBOFE, FRIVOLINA, O EX-SECRETARIO, *depois* O BARÃO e ZÉ.

O EX-SECRETARIO, *atravessando a scena.* —Não quero mais ser secretario! *(Esbarra em Tribofe.)*

TRIBOFE. — Oh! o senhor não repara por onde anda?

O EX-SECRETARIO — Desculpe-me. . Estou cego... Cego de raiva!... Briguei com meu tio e deixei de ser....

TRIBOFE. — Seu sobrinho?

O EX-SECRETARIO — Não; seu secretario.

TRIBOFE. — Brigou porque?... Isso em familia é feio!...

O EX-SECRETARIO. — Briguei por causa do barão... Elle ahi vem. Não quero encontrar-me com similhante creatura! (*Sae.*)

(*Entra Zé, acompanhado pelo Barão*)

DUETTINO

ZÉ

Sabe tudo!

BARÃO

Eu sei tudo!

ZÉ

Foi cascudo. .

BARÃO

Fui cascudo...

ZÉ

Façanhudo!

BARÃO

Façanhudo!

ZÉ

E' trombudo!

BARÃO

Sou trombudo!

ZÉ

Carrancudo!

BARÃO

Carrancudo!

ZÉ

Cabeçudo!

BARÃO

Cabeçudo!

ZÉ

Mas é coisa boa!...

BARÃO

Coisa muito boa!...

ZÉ

Não é typo á toa!

BARÃO

Não sou, não!

ZÉ

Tem uma corôa!

BARÃO

De barão!

(*Bate n'um embrulho que traz na mão.*)

ZÉ

Com esse ar sinistro...

BARÃO

Com este ar sinistro...

ZÉ

Vae ser bom ministro!

BARÃO

Vou ser bom ministro!

AMBOS

Oh! que ministro!...

Pois que ao paiz
Só fará bem
Quem o nariz
Sabe onde tem,
A situação
Ha / Hei } de salvar!
Novo Catão
Se ha / Me hei } de mostrar!

FRIVOLINA, *ao Barão.* — Que leva ahi o senhor com todo o cuidado? (*O Barão, em vez de responder, consulta Zé com o olhar.*)

ZE'. — Querem ver? (*Ao Barão.*) Desembrulhe! (*O Barão obedece.*) E' a sua corôa.

BARÃO. — E' a minha corôa!

ZE'. — Embrulhe. (*O Barão obedece.*) Ponha o embrulho debaixo do braço. (*O Barão obedece.*) Agora, danse um sapateado! (*O Barão obedece.*) Veem?! Faz tudo quanto eu quero! (*O Barão continúa a dansar.*) Basta! (*O Barao fica inmovel.*)

FRIVOLINA. — Caspite! E quem é o senhor?... (*Zé diz-lhe um segredo.*) Ah! (*Comprimenta-o.*)

TRIBOFE — Eu tambem quero saber! (*Ouve o segredo de Zé.*) Oh! (*Comprimenta-o. Depois passa-lhe a mão pela cintura, e leva-o á parte.*) O senhor é que bem podia arranjar-me ahi uma Metropolitana qualquer!

FRIVOLINA, *com o mesmo jogo de scena.* — Eu queria uma concessão para demolir o Passeio Publico e aproveitar o

local para o estabelecimento de uma grande casa especial de kermesses.

ZÉ. — Depois fallaremos.

FRIVOLINA. — Não se esqueça de mim : eu sou o Naparra.

TRIBOFE. — Eu chamo-me Uranga, e tenho uma vantagem, que me ha de abrir as portas da fortuna : não nasci n'este paiz de burros !

FRIVOLINA. — O que não impede que o façam deputado.

TRIBOFE, *ao Barão*. — Mas o cidadão, sendo agora republicano, porque não larga essa corôa ? (*O Barão interroga Zé com o olhar.*)

ZÉ. — Póde responder.

BARÃO. — Não largo esta corôa porque sou muito honesto.

FRIVOLINA. — Que tem uma coisa com outra?

ZE. — Pois não perceberam ? Elle chama-se Henrique e continúa a ser barão porque, estando no governo, não quer Henrique ser.

TRIBOFE e FRIVOLINA. — Ah !

ZÉ. — Bom ! Vá para a rua Larga. . Direitinho, heim ?

BARÃO. — Sim, Senhor.

ZÉ. — Vá ! (*O Barão sae; Zé acompanha-o com a vista.*) E eu vou alli para o *Diario*, onde os senhores me encontrarão ás suas ordens. Adeus.

FRIVOLINA e TRIBOFE. — Adeus ! Não se esqueça de nós ! (*Zé sae.*)

TRIBOFE. — E se eu fundasse um jornal ?

FRIVOLINA. — O Tribofe ?

TRIBOFE. — Não ; o titulo devia ser serio. " A Opinião Publica „ a " Voz Publica „... Uma coisa assim !... O tribofe seria de portas a dentro...

FRIVOLINA. — Não é má idéa. (*Musica na orchestra.*)

TRIBOFE. — Esta musica... E' elle, é o Cambio .. (*Vendo o Cambio que entra*) Chi ! como tem baixado !

O CAMBIO

Mim ser o Cambia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vae baixar !

(*Sae.*)

TRIBOFE. — Olha, queres saber de uma coisa ? Desconfio que aquillo é tambem uma especie...

FRIVOLINA.—De tribofe? Boa duvida! Mas vê que são horas! Vamos ao Fronton!

TRIBOFE.—Vamos, e não nos esqueçamos de que o Tonio-Tonio vae ganhar a primeira quiniella! E' preciso comprar cem pules!

FRIVOLINA.—Vamos! (*Saem. Mutação.*)

QUADRO SEXTO

Na rua do Conde. Scena curta. O fundo é formado pelo paredão do morro de Paula Mattos e o chafariz do Lagarto.

SCENA PRIMEIRA

PESSOAS DO POVO, CRIANÇAS, DUAS VELHAS.

CORO

Caso jocoso,
Mysterioso
Neste logar
Se faz notar!
O dia todo
Dinheiro a rodo
Do paredão
Rola no chão!

(*Caem algumas moedas. Todos se atiram a ellas e lutam para apanhal-as, á excepção das duas velhas.*)

1ª VELHA.—Quem quizer que apanhe esse dinheiro! Eu não!

2ª VELHA.—Nem eu! Credo!

1ª VELHA.—Essas moedas são malditas! Ninguem me tira da cabeça que é a fortuna do Sujo que morreu ha dias.

2ª VELHA.—O Sujo?

1ª VELHA.—Sim! aquelle homem da Cidade-Nova, que era podre de rico e não gastava um vintem em esmolas. Andava em mangas de camisa, de tamancos, e só comia no frege-moscas!

2ª VELHA.—Qual! não creia! gente assim não dá dinheiro nem mesmo depois de morta... E se elle não levou a fortuna comsigo, como é que póde atiral-a lá de cima?

1ª VELHA. — Não sei. O que sei é que essa é a opinião de muita gente.

2ª VELHA. — Talvez seja o spirita do *Paiz*...

1ª VELHA. — Que spirita?

2ª VELHA. — O tal, que ganhou muito dinheiro, e anda a distribuil-o pelos pobres.

1ª VELHA. — Por fallar em *Paiz*: vou lá buscar dez mil reisinhos. Tenho n. 358. Vamos juntas?

1ª VELHA. — Vamos. (*Saem as duas velhas.*)

SCENA II

PESSOAS DO POVO, CRIANÇAS, EUSEBIO, *muito janota, de braço dado a* ERNESTINA.

EUSEBIO. — Aqui está o chafariz do Largato. Está sastifeita, madama?

ERNESTINA. — De onde cae o dinheiro?

EUSEBIO. — Sei lá! isto não tem que vê! Que graça póde tê uns nicke cahindo pelo paredão abaixo! — Oe, cá está um! (*Apanha um nickel e queima os dedos.*) Arre, que está quente!.. (*Gargalhadas.*) Uê! parece memo sahidinho das cardeira de Pedro Botelho! — Que viemo nós fazê aqui?

ERNESTINA. — Tu sabes que a curiosidade é o principal defeito das mulheres.

EUSEBIO. — Esse defeito não é nada ó pé de suas colidade.

ERNESTINA. — Tu m'aimes toujours?

EUSEBIO. — Já le disse que não me falle franciú se qué que lhe entenda! Eu só fallo brasilero!

ERNESTINA. — Gostas muito de mim?

EUSEBIO. — Se gósto! Isso é coisa que se pregunte! A prova está no que se passou. Vou em sua casa le pedi p'ra deixá seu Gouveia socegado, e quem fica pelo beicinho sou eu! Fui buscá lan e sahi tosqueado!

ERNESTINA. — Estás arrependido?

EUSEBIO. — Eu arrependido não estou, porque a coisa não se póde dizê que não seje boa .. Mas D. Fortunata é que deve está furiosa! E então quando ella me vi assim todo janota, co'esta roupa de arfaiate francez, feito monsiú da rua do Ouvidô!... Chi!. . Ah! madama! as muié nasceu para tormento dos home!...

ERNESTINA. — Tormento? Oh! non!...

COPLAS

I

Meu caro amigo, esta vida
Sem a mulher nada val:
E' sopa desenxavida,
Sem uma pedra de sal.
Se a dor torna um homem triste,
Tem elle cura, se quer;
A propria dor não resiste
Aos beijos d'uma mulher.
Vê que a voz me treme!
Oh! mon p'tit chéri!
Je t'aime! je t'aime!

LUSEBIO

Oui!

ERNESTINA

II

Ao lado meu, queridinho,
Serás ditoso e feliz;
Terás todo o meu carinho,
E' o meu amor que t'o diz.
Se tu me amas como eu te amo,
Se respondes aos meus ais,
Nada mais de ti reclamo,
Não te peço nada mais!
Vê que a voz me treme! etc.

EUSEBIO. — Agora me diga, madama. Vacê está inteiramente curada de seu Gouveia?

ERNESTINA. — Oh! foi um sonho que passou! Hoje só vivo de ti, por ti e para ti! A proposito: vamos á rua do Ouvidor?

EUSEBIO. — Fazê o que?

ERNESTINA. — Quero mostrar-te na vitrine do Luiz de Rezende o tal colar de que te fallei.

EUSEBIO. — Quanto custa?

ERNESTINA — Uma bagatela... um conto e oitocentos ..

EUSEBIO. — E'... é uma bagatela. *(Aparte, emquanto Ernestina se afasta um pouco, examinando o paredão).* Ella pensa que eu sou o chafariz do Largato... Gosta muito de mim, é verdade, mas em tres dia já me custa perto de tres conto... e agora o colá... Cuidado, seu Eusebio!

ERNESTINA, *voltando* — Vamos, meu amor?

EUSEBIO. — Vamo, madama! (*Vão sahindo e encontram Tribofe e Frivolina que entram disfarçados em garotos.*)

TRIBOFE, *a Eusebio* — " Meu amor „ disse ella! Não acredites, ingenuo matuto! O amor naquella mulher é tribofe!

EUSEBIO. — Tribofe vá elle!

ERNESTINA. — Oh! sale espèce de voyou! (*Saem Eusebio e Ernestina*).

SCENA III

TRIBOFE, FRIVOLINA, FIGURANTES.

TRIBOFE. — Pobre patinho! não lhe ha de ficar uma penna!

FRIVOLINA. — Ha de lhe ficar a pena de se ter deixado depennar. — Deixa-os lá, e examinemos este extraordinario caso do chafariz do Lagarto.

TRIBOFE. — Já reparaste que os chafarizes têm dado que fallar? O das Marrecas demolido...

FRIVOLINA. — O da Carioca ameaçado...

TRIBOFE. — E este transformado em jardim de Danaé por uma chuva de ouro!

TRIVOLINA. — De ouro é um modo de dizer... Nickel... cobre...

TRIBOFE. — O que não impede que aqui estejamos convenientemente disfarçados em garotos. Tudo serve. *(Rola dinheiro no paredão. Todos, inclusive Tribofe e Frivolina, se atiram ás moedas, e lutam.)* Ora sebo! duzentos réis!...

FRIVOLINA. — Uma pratinha de cinco tostões... Não valia a pena por tão pouco.

UMA CRIANÇA. — Hontem cahiu muito dinheiro .. Hoje nem por isso!

FRIVOLINA. — Mas que mysterio será este?

SCENA IV

OS MESMOS, UM CONQUISTADOR, *depois* UM PASTOR

O CONQUISTADOR, *entrando descadeirado*. — Ai! ai! ai! ..

TRIBOFE.— Que é isso, ó amigo? Vem descadeirado?

O CONQUISTADOR — Podéra!

FRIVOLINA — De onde vem?

O CONQUISTADOR — Alli do... (*Gemendo*). — Ai!... morro!...

FRIVOLINA.— Morre? Qual! não morre, não!

TRIBOFE. — Percebeste mal; diz elle que vem alli do morro. Naturalmente encontrou alguma alma do outro mundo!

O CONQUISTADOR. — Não, senhor; encontrei um marido que me deu uma carga de páo, e ainda em cima me obrigou a passar re... (*Sentindo uma pontada*). Sebo!

TRIBOFE.— Cibo, quer o senhor dizer...

O CONQUISTADOR. — Sim, recibo... A dor é que me fez dizer sebo. Vou alli á bo... (*Com a dor*). Safa!

FRIVOLINA.— Vae á buçafa?

O CONQUISTADOR.— Tica. Vou á botica. (*Sae*).

FRIVOLINA.— De hoje em diante este sujeito observará melhor o nono mandamento da lei de Deus.

TRIBOFE. — Ah, minha amiga! nesta boa terra os mandamentos da lei de Deus são como as posturas municipaes... Ninguem os respeita!

FRIVOLINA. — Então agora, com a Egreja separada do Estado!

O PASTOR, *que tem entrado*. — Separada e muito bem separada! Foi uma grande medida politica! Por isso jurei e juro que não volto ao jury apezar de ser jurado!

TRIBOFE. — Não volta? Porque?

O PASTOR.— Por causa do Christo. Emquanto houver um Christo no jury, lá não vou!

FRIVOLINA. — Não quer encontrar-se com elle... Bom!

TRIBOFE. — Não o póde ver. Paciencia!

O PASTOR. — Que quer dizer um idolo da religião catholica n'um paiz onde todas as religiões são livres? Já fiz um requerimento ao juiz, pedindo-lhe que mande retirar o Christo do Jury, e vou escrever a proposito uma serie de artigos que, reunidos, darão um volume de quinhentas paginas! (*Sae.*)

FRIVOLINA.— Oh, Christo! olha p'ra isto!

SCENA V

TRIBOFE, FRIVOLINA, FIGURANTES, UM CONDUCTOR DE BONDE, *que não falla*, DOUS SOLDADOS DE POLICIA.

(*Atravessa a scena, correndo, o conductor de bonde, perseguido pelos dous soldados.*)

TRIBOFE. — Péga!

FRIVOLINA. — E' um conductor de bonde!

TRIBOFE. — Que faria elle? (*Segura um dos soldados.*) O' camarada!

O SOLDADO. — Deixe-me! Quero pegal-o.

TRIBOFE. — Basta o seu companheiro. Que fez elle?

O SOLDADO — Falsificou nicoláos de duzentos réis. (*Sae apitando.*) Péga!

TRIBOFE. — Ahi está um conductor de bonde que com certeza não se esquecia de dar trocos aos passageiros.

FRIVOLINA. — Mas não me engano: é a Imprensa Fluminense que ahi vem (*Entra a Imprensa Fluminense*) Bom dia, minha senhora, como tem passado?

IMPRENSA. — Bem, obrigada.

SCENA VI

TRIBOFE, FRIVOLINA, A IMPRENSA, FIGURANTES, *depois o* CAMBIO.

TRIBOFE. — Como a senhora está gorda!

IMPRENSA. — Que quer? Tudo tem augmentado.

FRIVOLINA. — Inclusive o preço das folhas diarias, que passou agora a tres vintens.

IMPRENSA. — A' excepção das folhas da tarde e do *Tempo*, o meu filho mais novo Este pensou, e pensou muito bem, que quem não póde com o tempo não inventa modas.

TRIBOFE — Excepção tambem do *Jornal do Commercio*, que já se vendia a tostão.

FRIVOLINA. — Devia subir a meia pataca, como antigamente.

IMPRENSA. — Nada! o *Jornal do Commercio* esforça-se por se parecer o menos possivel com o que era. Americanisou-se!

TRIBOFE. — E que reportagem! Ainda o outro dia contou o que se tinha passado n'uma reunião secreta!

IMPRENSA. — A indiscrição é a primeira virtude de um jornal.

COPLA

Não mette uma lança n'Africa
Jornal que diz tão somente
O que sabe toda a gente,
Isso é que não!

E' mister dizer ao publico
O que o publico não sabe;
O desempenho lhe cabe
D'essa missão.

De vez em quando até póde
Aos leitores noticiar
Casos que não se passaram,
Nem nunca se hão de passar!

Em compensação, o meu penultimo filho, o *Jornal do Brazil*, faz o possivel por se parecer com o antigo *Jornal do Commercio*.

TRIBOFE. — O que não impede que seja muito bem escripto.

FRIVOLINA — Ah! eu não perco a secção *Dia a dia*, feita por um jornalista de muito talento.

IMPRENSA. — E de muita constancia. — Mas, afinal, que é isto de dinheiro no chafariz do Lagarto?

TRIBOFE. — Algum philosopho... se não fôr algum doido... ou algum gaiato, que se diverte a atirar moedas lá de cima Em todo o caso é um typo que compra por cem ou duzentos mil réis o prazer de occupar a attenção publica durante tres dias.

FRIVOLINA. — E' barato!

IMPRENSA. — Eu vinha ver se valia a pena explorar este caso... mas não me cheira...

FRIVOLINA. — Amanhã já o povinho não se lembra de similhante extravagancia. (*Musica na orchestra*)

TRIBOFE. — Outra vez esta musica!. . E' elle!...

IMPRENSA. — Quem?

TRIBOFE E FRIVOLINA — O Cambio.

O CAMBIO, *atravessando a scena.*

Mim ser o Cambia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vae baixar...

(*Sae.*)

FRIVOLINA.— Chi! como baixou!...

IMPRENSA.—E ha de baixar! Não sei onde iremos ter! Adeus! (*Sae. Neste momento caem algumas moedas. Todos se precipitam sobre ellas, mas entram algumas praças de policia, e todos fogem. Mutação.*)

QUADRO SETIMO

No Derby Club. Ao fundo, em perspectiva, as archibancadas atopetadas de gente.

SCENA PRIMEIRA

1º SPORTMAN, 2º SPORTMAN, PESSOAS DO POVO.

CORO

O grande premio vae correr!
Todo este povo ancioso está
Por saber
Qual
O animal
Que ganhará!
O felizardo quem será?...

1º SPORTMAN.— E' agora o grande premio!

2º SPORTMAN.—E' agora. O diabo é que parece que vae chover. Que tens? Estás manquejando?

1º SPORTMAN.—Ora deixa-me! Fui hontem a uma *soirée* na rua do Mattoso... Estavamos dansando uma quadrilha, e, no melhor da festa, no meio de um *balancez*, afunda-se o soalho, e nós, os dansantes, fomos todos ao porão!

2º SPORTMAN. — Oh! diabo! a isso é que se póde chamar um *balancez* de massadas!

1º SPORTMAN. — Que faz você agora?

2º SPORTMAN. — Matriculei-me na faculdade livre de direito. Não quero perder a occasião de ser bacharel sem sahir do Rio de Janeiro. Não posso estar longe do Derby, do Jockey, do Turf e do Hyppodromo!

1º SPORTMAN. — Mas para que quer você ser bacharel, você que não cuida senão no sport?

2º SPORTMAN. — Ah! meu amigo! nesta terra o homem é o pergaminho!

1º SPORTMAN. — Já se foi esse tempo. Quer um conselho? Faça-se militar. A época dos bachareis acabou.

2º SPORTMAN. — E' pena! agora que se crearam as faculdades livres.. (*Afastam-se passeando*).

SCENA II

GOUVEIA, D. FORTUNATA, QUINOTA, JUCA, FIGURANTES.

GOUVEIA. — Não está! Se estivesse, era nas archibancadas.

QUINOTA. — Meu Deus! onde se metteria papae?

D. FORTUNATA. — Tanto tempo sem pô o pé em casa! Eu bem não queria vi no Rio de Janeiro! Esta terra é a perdição dos home.

GOUVEIA, *rindo-se*. — E das muié tambem.

QUINOTA, *baixo*. — Seu Gouveia, não debique minha mãe!

JUCA. — Eu quero me sentá!

D. FORTUNATA. — Não me enfurece mais do que eu já estou, diabo! Olha que tu apanha aqui memo! — Vamo precurá seu Eusebio!

QUINOTA. — Ah! mamãe, estou muito cançada. Vá vocemecê com Juquinha, que eu fico aqui com seu Gouveia.

GOUVEIA, *aparte*. — Santa simplicidade!

D. FORTUNATA. — Tá bom... Fiquem, que nós vamo dá uma vorta... Anda, menino!

JUCA. — Eu quero me sentá!

D. FORTUNATA. — Sentá onde? (*Tomando-o pela mão*). Anda! (*Afastam-se*).

SCENA III

GOUVEIA, QUINOTA, FIGURANTES.

QUINOTA. — Como tudo isto é bonito! Que vida tão diversa da vida da roça! Entretanto, não quero viver aqui depois de casada.

GOUVEIA. — Porque?

QUINOTA. — A vida fluminense é cheia de sobresaltos para as verdadeiras mães de familia. Olhe papae, um homem de quarenta e tantos annos, e que teve até agora tanto juizo... Respirou o ar desta terra e perdeu a cabeça...

GOUVEIA. — Apanhou o microbio da pandega!

QUINOTA. — Aqui ha muita liberdade e pouco escrupulo... Faz-se ostentação do vicio e das grandezas... como se faz ostentação da caridade. Uma senhora ouve dicterios e impertinencias em toda a parte aonde vae. Não se respeita ninguem. Seu Gouveia, esta sociedade está muito mal constituida!

GOUVEIA. — Não a suppunha tão observadora nem tão instruida.

QUINOTA. — Eu sou roceira, mas não tão tola que não veja o mal onde elle se acha. O senhor, por exemplo... o senhor, se pensa que me engana, engana-se. Sympathiso muito com a sua pessoa, e tenho cá dentro um sentimento casto e desinteressado que julgo ser amor. Mas .. conheço muito bem os seus defeitos, seu Gouveia...

GOUVEIA. — Os meus defeitos?

QUINOTA. — Oh! são muitissimos, e o menor d'elles não é querer apparentar uma fortuna que não existe. O jogo da Bolsa, que lhe tinha dado alguma coisa, tirou-lhe outra vez tudo.

GOUVEIA. — Perdão! restam-me quinhentas *debentures* da Geral. E' um grande papel!...

QUINOTA. — Não creia em libras sterlinas compradas a dez tostões. Desagradam-me, confesso, esses visiveis esforços que o senhor faz para illudir os outros. O melhor partido que o senhor tem a tomar... e olhe que este é o conselho de sua noiva, isto é, da pessoa que mais o estima neste mundo... o melhor partido que o senhor tem a tomar é abrir-se com papae, e ir comnosco para a fazenda, onde não lhe faltará occupação. Papae precisa muito associar-se a um moço intelligente, nas suas condições. Sacrifique á sua tranquillidade o Encilhamento, as caleças, os passeios, os hoteis, os

theatros, os clubs e as mulheres faceis; case-se, faça-se agricultor, e sua esposa, que não será exigente e terá muito bom senso, todos os annos lhe dará licença para vir matar saudades daquillo a que o senhor chama o microbio da pandega.

GOUVEIA. — Pois bem, aceito o seu conselho... mas quero esperar até o fim do anno. Tenho muita esperança nas *debentures* da Geral.

QUINOTA.—D'aqui até lá tem que viver de expedientes, e é isso que me entristece.

(*Voltam D. Fortunata e Juca.*)

GOUVEIA, *aparte*. — Sim senhor! pregou-me uma lição de moral mesmo nas bochechas!

SCENA IV

OS MESMOS, D. FORTUNATA, JUCA.

D. FORTUNATA. — Quá seu Eusebio, quá nada!

JUCA. — Eu quero me sentá!

D. FORTUNATA — Começa!

GOUVEIA. — Elle tem razão. Vamos para a archibancada. Havemos de encontrar logares. (*Saem*).

SCENA V

BEMVINDA, FIGURANTES, *depois* UM SUJEITO.

BEMVINDA. — Nhan-nhan... sinhá... e nhô Juquinha. P'ra fallá minha verdade, tenho sodades d'elles... Eu passava uma vida de tanto socego!

O SUJEITO, *passando e acotovelando Bemvinda*. — Adeus, fazenda!

BEMVINDA, *assestando a marquise*. - Vá passando o seu caminho e não bula c'a gente.

O SUJEITO. — Tão zangada, meu Deus!

BEMVINDA. — Que qué o senhô de mim?

O SUJEITO. — Pelo menos saber onde é que mora.

BEMVINDA. — Moro na rua das casa.

O SUJEITO. — Não seja má. Bem sei que é no hotel Provençaux.

BEMVINDA. — Quem lhe disse?

O SUJEITO. — Ninguem. Fui eu que a vi na janella.

BEMVINDA. — Pois não vá lá que eu não lhe arrecebo.

O SUJEITO. — Porque não me arrecebe, malvada?

BEMVINDA. — Vou sê franca... Só arrecebo quem quizé me tirá desta vida. Não nasci p'ra isto... Quero vivê em familia.

O SUJEITO.— Ah! coração! isso é que não póde ser! Hoje em dia não é possivel viver em familia!

BEMVINDA. — Porque?

O SUJEITO. — Porque? Ainda perguntas, amor?

COPLAS

I

Já não se encontra casa decente
Que custa apenas uns cem mil réis,
E os senhorios constantemente
O preço augmentam dos alugueis!
Anda o povinho muito inquieto
E tem, podéra! toda a rasão...
Nem já se falla no tal projecto
Do nosso amigo Lopes Trovão!
Um cidadão nesta epoca
Não póde andar amarrado...
A gente vê-se... e até logo...
Vae cad'um para o seu lado!

II

Das algibeiras some-se o cobre
Como levado por um tufão,
Carne de vaca não come o pobre
E qualquer dia não come pão.
Phosphoros, velas, couve, quiabos,
Vinho, aguardente, milho, feijão,
Fructas, conservas, cenouras, nabos...
Tudo se vende p'r'um dinheirão!
Um cidadão nesta epoca
Não póde andar amarrado...
Agente vê-se... e até logo...
Vae cad'um para o seu lado!

Até o lixo, dona... Como se chama?

BEMVINDA. — Mercedes.

O SUJEITO. — E' um bonito nome. — Até o lixo, dona Mercedes! Nós dantes pagavamos dez tostões por mez a um homem que ia todos os dias buscal-o á nossa casa.

Agora somos obrigados a pagar o que quizer cobrar uma companhia que se organisou... Pois é passar sem ella! Quem é pobre não tem lixo.

BEMVINDA. — Tenho sede. Venha pagá um copa de cerveja.

O SUJEITO. — Com muito gosto, mas da marca barbante, porque a estrangeira, que custava dez tostões, custa agora cinco patacas! (*Saem.*)

O CAMBIO, *atravessando a scena da direita para a esquerda.*

Mim ser o Cambia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vae baixar...

(*Sae*)

SCENA VII

TRIBOFE, *depois* FRIVOLINA, FIGURANTES.

(*Tribofe entra disfarçado em book-maker, rodeado de compradores, vendendo pules, recebendo dinheiro de uns e outros.*)

TRIBOFE. — Pois não! — Cá está! — Aqui tem! — (*Vindo ao proscenio.*) Se dá um azar, azulo antes que me quebrem os ossos! Deus queira que não haja tribofe!

FRIVOLINA, *entrando vestida de jockey.*

COPLA

Mim estar um jockey superfine
Que aqui vem faz muita furor;
Mim ganha vem libre esterline,
Pois fica sempre vencedor!
Lá no Ingliterre estar famose,
E muito money mim ganhar,
No haver jockey mais ditose,
Mim dá bastante que fallar!
Ouve dizer que brasileira
Tribofes mil gosta de faz...
Mim não se presta a baudalheira
Porque estar muito bom rapaz!

CORO

Que bello jockey!
Que rapagão!
O grande premio
Ganha, verão!

TRIBOFE. — O diabo é que parece que desta vez é o tempo que faz tribofe! Vae chover!...

FRIVOLINA. — Mas ha tempo para o grande premio. (*Baixo.*) Vendeste muito?

TRIBOFE. — Muito, e com todo o *sans façon*, como se não se tratasse de coisa prohibida. Estou bem armado!

FRIVOLINA. — Bravo! Vou montar! (*Sae, acompanhada por Tribofe.*)

SCENA VIII

EUSEBIO, ERNESTINA, FIGURANTES, *depois* D. FORTUNATA, *depois* QUINOTA, *depois* GOUVEIA, *depois* JUCA.

EUSEBIO. — Não; hoje, madama, você ha de me deixá í p'ra casa. D. Fortunata deve está furiosa!

ERNESTINA. — Pois bem, mas havemos de jantar no Daury.

EUSEBIO. — Oh, diabo! já chove! (*Abre o guarda chuva*) E' um aguaceiro! (*Começa a chover muito.*) Vamo por aqui... Minha Nossa Senhora!... D. Fortunata!.. (*Foge pelo outro lado.*)

ERNESTINA, *correndo atraz d'elle* — Eusebio! Eusebio!

D. FORTUNATA, *apparecendo.* — E' elle! E' elle! Com uma muié!... (*Corre atraz de Euzebio.*)

QUINOTA, *apparecendo.* — Mamãe! mamãe! (*Corre atraz de D. Fortunata.*)

GOUVEIA, *apparecendo.* — Minhas senhoras! minhas senhoras!... (*Corre.*)

JUCA, *apparecendo a chorar.* — Mamãe! Quinota!... (*Corre*)

QUADRO OITAVO

Chuva torrencial. — Desfilada de gente a pé, a cavallo e de carroagem. Muito movimento.

ACTO TERCEIRO

QUADRO NONO

A pequena praça em frente á Escola de Bellas-Artes. Ao centro, a estatua de João Caetano.

SCENA PRIMEIRA

TRIBOFE, FRIVOLINA, A ESTATUA.

TRIBOFE, *entrando.* — Aonde me trazes?

FRIVOLINA. — Para junto da estatua de João Caetano, inaugurada graças aos esforços do Vasques.

TRIBOFE. — Do Vasques? Conheço. Dizem que me pareço muito com elle.

FRIVOLINA. — E' aqui que vamos passar em revista os acontecimentos theatraes do anno.

A ESTATUA. — E não imaginam o prazer que me dão com isso!

TRIBOFE, *recuando assustado.* — A estatua falla!...

FRIVOLINA. — E' um dos effeitos do meu poder de fada!

A ESTATUA. — Desde 1863 não sei o que se passa nos nossos theatros.

TRIBOFE. — Parece-me que o melhor é continuar a não saber: vae ter muitas decepções...

FRIVOLINA. — Desça do seu pedestal! Cá em baixo estará mais á vontade.

A ESTATUA. — Ora essa! esqueces-te de que eu sou de bronze?

FRIVOLINA. — Tem razão, mas tudo se arranja. (*Agita a sua varinha. Forte na orchestra. A estatua anima-se; o corpo e a vestimenta de João Caetano tomam as côres naturaes.*)

TRIBOFE. — Oh! prodigio!

JOÃO CAETANO, *destendendo os membros.* — Ah! isto agora é outra coisa! (*Salta do pedestal e vem ao pros-*

cenio.) Como me sinto leve!...—Vamos lá! mostrem-me o que houve de mais notavel nos nossos theatros durante o anno!

FRIVOLINA.— Attenção! lá vem o tio Gaspar.

JOÃO CAETANO.— Que tio Gaspar?

FRIVOLINA.— Dos *Sinos de Corneville.*

SCENA II

OS MESMOS, 1º GASPAR, *depois, successivamente*, 2º, 3º, 4º, 5º *e* 6º GASPAR, *depois mais quatro* GASPARES.

1º GASPAR, *entrando da direita*

Germana estava fechada,
Mas acaba de fugir!

2º GASPAR, *entrando da esquerda*

Pela janella a malvada
Se conseguio evadir!...

3º GASPAR, *entrando da direita*

Este páo quebro nas costas
D'aquelle que a defender!

4º GASPAR, *entrando da esquerda*

Muito embora, feito em postas,
Eu cuide aqui de morrer!

5º GASPAR, *sahindo detraz do pedestal da estatua*

Digue, digue, digue!
Digue, digue, dom!
Toca, toca, toca!
Faze ouvir teu som!

6º GASPAR, *sahindo da cupola do ponto*

Digue, digue, digue!
Digue, digue, dom!
Toca, toca, toca!
Faze ouvir teu som!

(*Apparecem mais quatro Gaspares de diversos lados.*)

TODOS

Digue, digue, digue, dom!
Digue, digue, digue, dom!...

JOÃO CAETANO. — Mas que é isto?! Os senhores são tantos?!

1º GASPAR. — Ah! senhor baillio... Este foi o anno dos Gaspares... Houve-os em todos os theatros, nacionaes e estrangeiros, e para todos os gostos.

TRIBOFE. — E estão aqui todos os Gaspares?

1º GASPAR. — Todos. Só falta o que tinha sido deportado e voltou agora da Europa. (*Os Gaspares saem cantando e dansando.*)

TRIBOFE. — Deixem lá! E' muito Gaspar!

FRIVOLINA. — O que abunda não prejudica. — Ah! vem ahi o grande successo do anno: *Frei Satanaz!*

SCENA III

TRIBOFE, FRIVOLINA, JOÃO CAETANO, FREI SATANAZ.

FREI SATANAZ, *entrando*. — Meus senhores...

COPLA

Eu sou Frei Sata, Satanaz,
Que aqui tem dado sota e az!

TODOS

Eu sou / Elle é } Frei Sata, Satanaz,
Que aqui tem dado sota e az!

FREI SATANAZ

Em poucos mezes
Mais de cem vezes
Brilhou no palco á luz do gaz,
Mas sempre novo
Parece ao povo
Frei Sata, Sata, Satanaz!

TODOS

Eu sou / Elle é } Frei Sata, Satanaz,
Que aqui tem dado sota e az!
Em poucos mezes etc.

(*Sae Frei Satanaz*).

FRIVOLINA. — Este frade diabolico ainda uma vez veio provar que no theatro mais vale cahir em graça do que ser engraçado.

JOÃO CAETANO. — Mas vejo que não me apresentam nenhuma peça nacional!

FRIVOLINA — Nenhuma tivemos durante o anno... Isto é, houve duas revistas: o *Grude*, que aguou na primeira noite...

TRIBOFE. — Não falemos de coisas tristes!

FRIVOLINA... e a *Viagem ao Parnaso*, que não fez successo.

TRIBOFE. — Pois eu gostei muito do Brandão. (*Imita o actor Brandão na* Viagem ao Parnaso.)

«Eu sou filho de Jupiter!
O grande Apollo sou!
Na ponta, na pontissima
Eternamente estou!»

FRIVOLINA. — Em compensação, tivemos tres operas brasileiras!

JOÃO CAETANO. — Tres operas brazileiras?! Bravo!...

FRIVOLINA. — *Bug-Jargal*, *Carmosina* e *Condor*. — Eil-as!

SCENA IV

TRIBOFE, FRIVOLINA, JOÃO CAETANO, BUG-JARGAL, CARMOSINA, CONDOR.

CANTO

AS TRES OPERAS

Aqui estamos tres operas lyricas,
Nacionaes, se nos fazem favor!
Aqui estamos tres operas, caspite!
Bur-Jargal, Carmosina e *Condor!*

CARMOSINA

Por bastante esbodegada
Eu, coitada!
De ninguem me fiz louvar!
Uma peça mal montada,
Mal cantada,
Não se póde sustentar!

BUG-JARGAL

Eu passei despercebido,
Sem ruido;
Não chamei as attenções,
Porque estava mal sabido,
Mal vestido,
Posto em scena aos trambolhões!

CONDOR

Entre os mais illustres nomes,
Carlos Gomes
Gloria e fama goza aqui;
Mas... que querem que eu lhe faça?..
Foi desgraça
Ter escripto o *Guarany*...

BUG-JARGAL

O libretto meu é pessimo!

CARMOSINA

Pois o meu não é melhor!

CONDOR

O meu é mesmo um escandalo!
O meu é muito peior!

AS TRES OPERAS

Se nós tivessemos
Librettos que não fossem pessimos,
Conseguir agradar talvez podessemos!

(*Saem dansando.*)

João Caetano.—Coitadinhas!—E não houve outras operas novas?

Frivolina.—Houve, sim, senhor: a *Cavalleria rusticana* e a *Dona Branca*.

Tribofe.—Oh!... a *Cavalleria rusticana* é um primor, que tem sido consagrado em quasi toda a Europa!

Frivolina.—E a Theodorini é uma Santuza esplendida!...

João Caetano.— E a *Dona Branca?*

Frivolina.—Coitada! Ella ahi vem. Interrogue-a.

(*Entra D. Branca. O pequeno dialogo que se segue é meio cantado, com acompanhamento de orchestra.*)

SCENA V

TRIBOFE, FRIVOLINA, JOÃO CAETANO, D. BRANCA.

D. BRANCA

Oh, sorte desgraçada! Oh, fado impío!

JOÃO CAETANO

Que foi que aconteceu, minha senhora?

D. BRANCA

Passar não pude do primeiro acto!

JOÃO CAETANO

Porque? Porque?

D. BRANCA

Assim o quiz o publico.
As culpas tive que pagar da empreza!

TRIBOFE

Muito tribofe a empreza havia feito!

D. BRANCA

Eu merecia ser mais bem tratada;
De um poema de Garret fui extrahida,
E um bom compositor me poz em musica.

FRIVOLINA

Chore na cama, que é logar bem quente.

D. BRANCA

Isso é que vou fazer! Oh, sorte impía!

(*Sae.*)

TRIBOFE.—Na verdade, é uma sensaboria ser bonita, sympathica, vir ao Rio de Janeiro, e não ser cantada!

JOÃO CAETANO.—Ou ser... e não passar do 1º acto...

SCENA VI

TRIBOFE, FRIVOLINA, JOÃO CAETANO, COMPANHIA LAMBIASI, COMPANHIA GARGANO, COMPANHIA MARESCA.

AS TRES COMPANHIAS, *entrando alegremente.*—Evviva! Evviva! Salute, signori miei!

CANTO

In questa bella città,
Ove venuto noi siamo,
Si trova ospitalità
E dennaro guadagniamo!

FRIVOLINA. — Viva! Como vêm alegres!

TRIBOFE — Ah! Isto sim!...

JOÃO CAETANO. — Com quem tenho a honra de fallar?

AS TRES COMPANHIAS, *fallando ao mesmo tempo.* — Siamo tre compagnie italiani di opere-comiche e di operete... La compagnia Lambiasi, la compagnia Gargano e la compagnia Maresca.

TRIBOFE. — Falle cada qual por sua vez.

COMPANHIA GARGANO. — Siamo tre compagnie italiani di opere-comiche e di operete: io sono la compagnia Gargano!

COMPANHIA MARESCA. — Io sono la compagnia Maresca!

COMPANHIA LAMBIASI. — Io sono la compagnia Lambiasi, ma me ne vado via, perché non c'è posto per tante compagnie! (*Sae.*)

FRIVOLINA. — Sim, não ha logar para tantas.

TRBOFE, *á Companhia Gargano.* — Parlate voi.

COMPANHIA GARGANO. — Io sono la migliore compagnia italiana di opere-comiche e di operete che si sia presentata in questa città! Ho portato *Una notte in Venezia*.

COMPANHIA MARESCA. — Il mio repertorio è molto miglior. Ho portato *I Granatieri*!

COMPANHIA GARGANO. — Ho portato *Una notte in Venezia*!

COMPANHIA MARESCA. — Ho portato *Lo zingaro barone!*

GOMPANHIA GARGANO. — Ho portato *Una notte in Venezia!*

COMPANHIA MARESCA. — Ho portato *Gasparone!*

COMPANHIA GARGANO. — Ho portato... *Una notte in Venezia!*

COMPANHIA MARESCA. — Ho portato *La guardia notturna*!

COMPANHIA GARGANO. — Ho portato...

TRIBOFE, *interrompendo-a.* — *Una notte in Venezia?...* Boa noite! (*A Companhia Gargano foge*).

COMPANHIA MARESCA. — Voglio farvi sentire un pezzo dei *Granatiere.*

COPLA

Generale, questo cor,
Ahimè!
Sará spento dal dolor,
Perchè
Schiavo egli è d'amor! —
Un simpatico uffizial
D'amar
Mi s'impon; ma, general,
Sposar
Vorrei un caporal! —
Ma al cor non si puô comandar!
Basta a me un caporal
Gagliardo, pien di grazia e di valor;
Che me fa inebriar la mente e il cor!

(*A Companhia Maresca sae dansando*)

SCENA VII

TRIBOFA, FRIVOLINA, JOÃO CAETANO, DESIRÉ.

DESIRÉ, *que entra, vestido de cosinheiro.* — Pobresinha! vou matal-a com a minha companhia de opereta franceza!

TRIBOFE.—Encontrei hoje um dos artistas na rua do Espirito-Santo. Dei-lhe um nickel. Tomei-o por um mendigo.

JOÃO CAETANO. — Então tambem o senhor tem uma companhia de opereta?

DESIRÉ.— Sim, senhor.

FRIVOLINA.— E para onde vae ella?

DESIRÉ — Para o Lucinda.

TRIBOFE.— Desaloja Sardou e Dumas Filho!...

DESIRÉ — Ia para a Maison Moderne .. mas o theatro não ficou prompto.

FRIVOLINA — Que theatro?

DESIRÉ.— Parbleu! o theatro da Maison Moderne!

TRIBOFE.— D'aqui a nada o Stadt Coblenz tem um circo!

DESIRÉ.— Cá está o *menu*.

JOÃO CAETANO.— O *menu*?

DESIRE'.— Quero dizer, o repertorio. E' *splendide!* *La soupe à l'oignon*, pochade em um acto. *Beefteck aux pom-*

mes, opereta em dous actos. *Porção sortida*, vaudeville em tres actos. *Uma pá do gelo*, grande pièce à espectacle em quatro actos... *Le*...

FRIVOLINA, *interrompendo-o*.— Silencio! Vem ahi um grande artista!

JOÃO CAETANO.— Quem?

FRIVOLINA.— O Visconti! E' o grande acontecimento theatral de 1891! (*Ouvem-se vozes.*) Ouçam como o povinho o acclama!...

SCENA VIII

OS MESMOS, VISCONTI *e* MUITOS ADMIRADORES, *que o trazem em triumpho.*

CÔRO DE ADMIRADORES

Eis o Visconti, famoso
Talento descommunal,
Que no genero jocoso
Não tem no mundo rival!
Demos palmas ao genio immortal!

(*Ruidosa salva de palmas.*)

VISCONTI

Do gosto fluminense
O ideal sou eu!
Esta terra me pertence!
Este povo é todo meu!
Cheguei, cheguei, cheguei!
Venci, venci, venci!
Que bom povo aqui topei!
Outro povo assim não vi!...

CORO

Chegou, chegou, chegou!
Venceu, venceu, venceu!
Que bom povo aqui topou!
Este povo é todo seu!

JOÃO CAETANO.— Mas, por fim de contas, quem é esta senhora?

VISCONTI. — Senhora, não senhor; senhor. Só me visto de mulher para trabalhar. Sou um excentrico.

JOÃO CAETANO.—Mas em que consistem as suas excentricidades?

VISCONTI.—Canto cançonetas em falsete, imito o zumbido da mosca e tóco piano de costas.

JOÃO CAETANO.—E é o primeiro acontecimeto theatral do anno! Saia, saia de minha presença!...

VISCONTI.—Está doido!

JOÃO CAETANO.—Ah! não quer sahir?... Pois vou atravessal-o com a espada de Oscar, filho de Ossian! (*Corre para elle. Visconti sae, correndo. João Caetano sae perseguindo-o*).

CORO

Salvemos o famoso
Artista sem rival,
Pois que o outro furioso
Bem lhe póde fazer mal!

SCENA IX

TRIBOFE, FRIVOLINA, JOÃO CAETANO, DESIRÉ, *depois o* CAMBIO.

TRIBOFE. — E a estatua? Vão dar por falta d'ella!

FRIVOLINA.— Não te incommodes! Olha! (*Agita a varinha. Forte na orchestra. A estatua reapparece*). Vês? Lá está João Caetano restituido ao seu glorioso pedestal!

(*Musica*).

TRIBOFE. — E' elle...

O CAMBIO, *entrando do esquerda*.

Mim ser o Cambia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vai baixar...

(*Sae pela direita*).

FRIVOLINA. — Aonde irá elle a estas horas?

TRIBOFE. — Não sei... Vae na direcção do Thesouro. E nós? Vamos ceiar?

FRIVOLINA. — Está dito!

TRIBOFE. — O' Desiré, venha d'ahi servir-nos uma ceia em dous actos... quero dizer — dous pratos.

FRIVOLINA. — Com musica do maestro Chateau La-Pipe.

DESIRÉ. — Prompto! (*Saem. Mutação*).

QUADRO DECIMO

A mesma scena do quadro III, mas sem o mesmo movimento. De vez em quando passa alguem.

SCENA PRIMEIRA

CASTELVECCHIO, 1º ZANGÃO, 2º ZANGÃO. (*Castelvecchio tem nas mãos uma balança e uma grande ruma de papeis*).

CANTO

CASTELVECCHIO e OS ZANGÕES.

Infeliz Encilhamento,
Quem te vê e quem te vio!
Ouro, brilho e movimento,
Tudo agora se sumio!
O fado te foi contrario,
A sorte não te quiz bem!
E's um campo solitario
Onde a desgraça nos tem!
Quando a fortuna sorria,
Tu foste um ninho de heróes...
Encilhamento, hoje em dia
Não vales dous caracóes!

CASTELVECCHIO, *declamando*. — Vejam os senhores... Cantamos um tercetto, porque no Encilhamento já não ha gente para um ¡ côro...

OS TRES, *cantando*

Infeliz Encilhamento, etc.

CASTELVECCHIO. — Vamos, vamos tratar da vida, se é que a isto se póde chamar vida! Ha um mez que não faço para o bonde!

1º ZANGÃO. — Ninguem compra!

2º ZANGÃO. — Ninguem vende!

1º ZANGÃO. — Vou almoçar; vens?

2º ZANGÃO. — Vou. Ao menos valha-nos isso. (*Saem*).

CASTELVECCHIO, *só*. — Que vou eu fazer de toda esta papelada?

SCENA II

CASTELVECCHIO, DONA FORTUNATA, QUINOTA, JUCA.

CASTELVECCHIO, *dirigindo-se a D. Fortunata*.—Minha senhora, quer talvez algumas das famosas debentures...

D. FORTUNATA. — Não, sinhô.

CASTELVECCHIO, *mostrando a papelada e a balança*. — Na minha mão as encontra mais barato que n'outra qalquer parte. Vendo-as a quinze mil réis o kilo... e bem pesado.

D. FORTUNATA. — Não, sinhô.

CASTELVECCHIO. — Em porção faço abatimento.

D. FORTUNATA. — Já lo disse que não quero, oh!...

CASTELVECCHIO. — Isto é um grande papel, minha senhora!

QUINOTA. — Não insista: perde o seu tempo. (*Cestelvecchio afasta-se*).

CASTELVECCHIO, *apregoando*. — Olha as debentures da Geral! Faz-se abatimento em porção!

QUINOTA. — São os taes papeis em que seu Gouveia tinha tanta fé .. Veja que já são vendidos a peso!

D. FORTUNATA. — Não me falla de seu Gouveia... Ha oito dia não nos apparece; é verdade!... Fez como teu pae, aquelle maluco, que perdeu a cabeça e ninguem sabe onde se metteu! Felizmente tinha me deixado dinheiro para as despeza!

JUCA. — Eu quero andá!

D. Fortunata. — Vamo, diabo de menino, vamo!... Que pena o collegio tê se fechado!... A gente não vae hoje p'r'a casa sem tê encontrado um dos dous, ou seu Eusebio ou seu Gouveia

Quinota — Seu Gouveia, esse talvez esteja na rua da Alfandega. Vamos por aqui. (*Saem*).

SCENA III

Ernestina, *de braço dado a* Casusa.

Casusa. — Este logar é muito perigoso! Tenho medo de encontrar titio, que anda sempre aqui pela rua Direita.

Ernestina. — Mas eu é que já te não largo! Has de ir commigo para casa!

Casusa.—Nada! E se lá estiver o tal Eusebio? O diabo do matuto esta manhan quasi me vae ao pello!

Ernestina. — Descança... Elle lá não está, nem nunca mais lá irá.

Casusa, *contente*.— Devéras?

Ernestina.— Está despedido.

Casusa.— Ah!

Ernestina.— De hoje em diante aquella casa é tua.

Casusa.— Oh!

Ernestina. — Oui... porque és tu que eu amo... é a ti que eu prefiro, a ti, que és moço e bonito!

Casusa.— Tenho apenas vinte annos.

Ernestina — Vinte annos! Quem me dera a tua edade! Já fiz vinte e tres. (*Aparte.*) Il y a longtemps!

COPLA

Vinte annos, quadra risonha,
Da vida timida flor,
Edade em que mais se sonha,
Formosa estação de amor!
Por ti eu padeço e chóro...
Tem compaixão de meus ais!
Querido, como te adoro!...
(*Aparte.*)
E ao teu dinheiro inda mais...

CASUSA.— Vamos para casa.

ERNESTINA.— Sim, mas pela rua do Ouvidor. Quero passar pela casa do Farani. Estou namorando um par de bixas!

CASUSA. — Has de mostrar-m'as. (*Aparte.*) Vou fazer-lhe uma sorpresa!

ERNESTINA.— Vae adiante; olha que podemos encontrar teu titio.

CASUSA.— Tens rasão.

ERNESTINA, *aparte.* — Ce serait dommage!

CASUSA.— Espero-te parado defronte da vitrine... assim... como quem não quer a coisa... (*Aparte.*) Como esta mulher me ama!... (*Sae. Entra Gouveia sem ver Ernestina, que vae sahindo. Traz o fato velho, as botas rotas, a barba por fazer, um aspecto geral de miseria e de desanimo*).

ERNESTINA, *sahindo, aparte.* — Oh! pauvre Gouveia! Il n'a plus le sou! (*Sae.*)

SCENA IV

GOUVEIA, *depois* PINHEIRO.

GOUVEIA, *vindo ao proscenio.*— Ninguem acreditará que eu, ainda ha seis mezes, tivesse joias e carroagens, e hoje não tenha dinheiro nem credito para comprar um par de botinas! Ha oito dias não vou á casa de minha noiva, porque tenho vergonha de lhe apparecer neste estado! Malditas debentures!

PINHEIRO, *apparecendo* — Oh, Gouveia, como vae isso?

GOUVEIA.— Mal, meu amigo, muito mal.

PINHEIRO.— Mas que quer isto dizer? Não pareces o mesmo! Tens a barba crescida, a roupa no fio... Desappareceu do teu dedo aquelle esplendido e escandaloso pharol, e tens umas botas que parecem rir da tua esbodegação!

GOUVEIA.— Falla á vontade! Eu mereço os teus remoques.

PINHEIRO. — E dizer que no começo deste anno quizeste pagar com juros de tresentos por cento cinco mil réis que eu te havia emprestadado!...

GOUVEIA. — Por signal que me disseste, creio, que esses cinco mil réis ficavam ás minhas ordens...

PINHEIRO. — E ficaram. (*Tirando dinheiro do bolso*). Cá estão elles. Mas como um par de botinas não se compra

com cinco mil réis, aqui tens vinte... sem juros. Pagarás quando poderes. (*Da-lhe dinheiro*).

GOUVEIA. — Obrigado, Pinheiro! bem se vê que tens uma grande alma, e que não compraste debentures!

PINHEIRO. — Achei que era muita mecha por dez réis. Adeus, Gouveia, apparece... Agora, que estás pobre, isso não te será difficil... (*Sae*).

SCENA V

GOUVEIA, *depois* EUSEBIO.

GOUVEIA, *só*. — Como este typo faz pagar caro os seus vinte mil réis! Pode lá haver juro mais pesado! Ah! elle apanhou-me descalço... Emfim, vamos lá comprar as botinas! (*Vae sahindo, e encontra-se com Eusebio, que entra cabísbaixo.*) Oh! o senhor Eusebio!...

EUSEBIO. — Andava le precurando

GOUVEIA, *atrapalhado*. — Sim... eu... (*Aparte*). Como está sentido! Vae fallar-me de Quinota.

EUSEBIO. — O sinhô vai ficá admirado. Hoje de menhan encontrei ella beijando um mocinho!

GOUVEIA. — Heim?

EUSEBIO. — E' levada do diabo! Eu não sei como o sinhô poude gostá d'ella!..,

GOUVEIA. — Ora essa! a ponto de querer casar-me!

EUSEBIO. — Home, d'essa não sabia eu!... Mas olhe que era uma burrice!

GOUVEIA. — Custa-me crer que ella...

EUSEBIO — Pois creia! Beijando um mocinho, um pelintreca, seu Gouveia! Beijo que se ouvia na rua! Veja o sinhô de que servio gasta tanto dinheiro co'ella!...

GOUVEIA. — Sim, o senhor educou-a tão bem... ensinou-lhe tanta coisa...

EUSEBIO, *vivamente*. — Não, sinhô! Não ensinei nada! Ella já sabia tudo! O sinhô, sim! Se alguem ensinou foi o sinhô e não eu! (*Passando*). Beijando um mocinho, seu Gouveia!...

GOUVEIA. — Dona Fortunata não vio nada?

EUSEBIO. — Como é que havéra de vê! Pobre dona Fortunata! E a outra que se fique co'tá pilintreca! Eu lá não vorto!

GOUVEIA. — Não volta! Ora esta!

EUSEBIO — Não quero mais sabê d'ella!

GOUVEIA. — O senhor deve lembrar-se que é pae.

EUSEBIO.—E' uma resão para não querê mais sabê d'aquelle diabo! Ah! seu Gouveia, se arrependimento sarvasse... Bom, eu andava le precurando p'ra me apadrinhá... Não me astrevo a entrá em casa sosinho despois de tantos dia de osença!

GOUVEIA. — Em casa?! Mas o senhor não me acaba de dizer que lá não volta porque dona Quinota...?

EUSEBIO. — Quem le fallou de Quinota?

GOUVEIA. — Quem foi então que o senhor encontrou aos beijos?

EUSEBIO — A madama!

GOUVEIA. — Dona Fortunata?

EUSEBIÔ, *furioso*. — Minha muié!.. O sinhô está doido!..

GOUVEIA. — Desculpe... é que, geralmente, o homem casado que se refere á sua esposa, diz « a madama ». (*Com uma idéa*). Ah! Agora percebo! Foi a franceza!...

EUSEBIO. — Pois quem havéra de sê!

GOUVEIA. — Nem me lembrava da existencia d'ella! E eu que suppuz .. Perdôa, Quinota, perdôa!... Vamos, vamos senhor Eusebio... Eu o apadrinharei, mas com uma condição: o senhor por seu turno me ha de apadrinhar a mim, porque eu tambem não appareço á minha noiva ha muitos dias.

EUSEBIO. — Porque?

GOUVEIA.— Em caminho tudo lhe direi. (*Aparte*). Aceito o conselho de Quinota: abro me! (*Alto*). Tenho ainda que comprar um par de botinas e fazer a barba.

EUSEBIO. — Vamos, seu Gouveia! (*Saem*).

SCENA VI

TRIBOFE, FRIVOLINA, *depois o* CAMBIO, *depois* O DELEGADO.

FRIVOLINA, *entrando*. — Dissolvido o Congresso!

TRIBOFE, *entrando* — Suspensas as garantias!

FRIVOLINA. — A capital em estado de sitio!

TRIBOFE. — A Praia Grande idem! Sim, senhor: isto é que é tribofe, e o mais são historias! Menina, vamos comprar acções do Banco da Reoublica. E' conselho que me deu um dos membros da Junta Fiscalisadora.

FRIVOLINA. — Nada! — é melhor ver em que param as modas. (*Musica*).

TRIBOFE. — E' elle! Já cá tardava!..

O CAMBIO, *entrando.*

Mim ser o Cambia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vae baixar...

(*Sae*).

FRIVOLINA. — Pois elle terá aiuda a pretenção de baixar?

TRIBOFE. — Tudo baixa... á excepção do obituario... e...

FRIVOLINA. — Cala-te!

TRIBOFE. — Porque?

FRIVOLINA. — E' elle!

TRIBOFE. — Elle quem?

FRIVOLINA. — O terrivel delegado da dictadura!

O DELEGADO, *entrando, com um sacco vasio na mão.* — Veêm este sacco? Está vasio...

TRIBOFE, *aparte.* — Temos magica!

O DELEGADO. — Está vasio, mas já esteve cheio!

FRIVOLINA. — De que?

O DELEGADO. — De rolhas! Arrolhei tudo!..

COPLAS

I

O delegado iracundo
Da dictadura aqui está,
Prompto a prender todo o mundo
Da Gavea até Paquetá!

Treme o moço e treme o velho,
Vendo ao longe flammejar
Meu appendice vermelho,
Minha prenda capilar!

II

Nesta lida intemerata
Alto valor mostrarei:
Quando o barão disser: —Mata! —
Eu — Esfola! — bradarei!
Por isso, folha por folha
Eu ha pouco percorri,
E promptamente uma rolha
Em cada bocca metti!

(*Sae*).

SCENA VII

TRIBOFF, FRIVOLINA, O BANQUEIRO.

TRIBOFE. — Olhem quem elle é! Venha cá, não tenha tanta pressa! Falle com os pobres!

FRIVOLINA. — Julguei que estivesse em viagem para as Europicas.

O BANQUEIRO. — Devia estar, mas não me deixara partir...

TRIBOFE. — Porque?

O BANQUEIRO. — Cá por coisas. .

FRIVOLINA. — Que me diz de tudo isto?

O BANQUEIRO. — Não digo nada... As garantias estão suspensas... Não posso fallar...

FRIVOLINA. — Que diabo! ha coisas de que o povinho ha de sempre fallar, haja quantas dictaduras houver... Por exemplo: os direitos em ouro... o contracto das carnes...

TRIBOFE. — ...o pão em pilulas...

FRIVOLINA. — ...os barulhos da estrada de ferro...

O BANQUEIRO. — Nada! fallemos da penhora do Consulado Portuguez... do eclypse... do balão de onze metros que pegou fogo... (*Arrependendo-se*). Não! o balão já é um assumpto politico... (*Consultando o relogio e dando um pulo*). Oh! diabo! estou entre dez e as onze! Vou á rua do Lavradio! (*Sae correndo*).

SCENA VIII

TRIBOFE, FRIVOLINA, 1º PHILANTROPO 2º PHILANTROPO.

CANTO

1º PHILANTROPO

Tenho uma alma bem formada !
Vou gastar alguns bons cobres,
P'ra que tenham feijoada
Sete mil familias pobres !

—2º PHILANTROPO

Voc'mecê, meu amiguinho
Esqueceu-se do toucinho ;
Mas á minha feijoada,
Ha de ver, não falta nada!

FRIVOLINA

A feijoada dos fluminenses
Deve ter todos os seus pertences.

TRIBOFE

A carne secca deve estar boa,
E o bello paio ser de Lisboa !

FRIVOLINA

Cabeça de porco
Dá graça ao feijão...
Banana cosida,
Pimenta e limão !

TRIBOFE e FRIVOLINA

Outra farinha não haja
Senão a de Suruhy,
E no final não se esqueçam
Do paraty.

OS QUATRO

Outra farinha não haja etc.

1º PHILANTROPO. — Venha, collega. Quero leval-o a admirar a minha apotheose, que está na sapataria Moncada.

FRIVOLINA. — Bravo! Vossa excellencia tem uma apotheose em vida!

1º PHILANTROPO. — Entendamo-nos A minha apotheose é a apotheose de Hahmann...

TRIBOFE. — Ann...

1º PHILANTROPO. — A apotheose da homœopathia! Uma téla que comprei por vinte contos de réis fortes.

2º PHILANTROPO. — Vinte contos fortes! Porque?

1º PHILANTROPO. — Por ser obra do Porto. Se mais pedissem, mais eu daria.

TRIBOFE. — O quadro é assim tão bom?

1º PHILANTROPO. — Não sei se é bom; só sei que é grande, muito grande. Como já comprei por tres contos um quadro d'este tamanho (*Indica m quadro de dous palmos*), não acho acho muito dar vinte, embora fortes, por um d'aquellas dimensões! Estou com vontade de pedir ao mesmo artista que me pinte agora a apotheose da alopathia.

FRIVOLINA. — Mas veja se elle lhe arranja isso pela metade.

2º PHILANTROPO. — Ou se lhe paga em debentures...

1º PHILANTROPO. — Eu tenho por divisa não olhar a despezas!

TRIBOFE, *apertando-lhe a mão*. — Toque! assim é que se responde!

FRIVOLINA. — Mas porque quer duas apotheoses tão contrarias?

1º PHILANTROPO — E' porque tenho amigos que se tratam pela homœpathia e amigos que se tratam pela alopathia. Não quero que fique nenhum descontente. Ande d'ahi, collega!

2º PHILANTROPO. — Vamos lá. (*Saem os dous philantropos*).

FRIVOLINA. — Já vi a tal apotheose. E' um horror! Eu não a queria de graça!

TRIBOFE. — N'esse caso, e uma vez que é tão grande, porque não manda elle distribuil-a pela pobreza?

SCENA IX

TRIBOFE, FRIVOLINA, O TEMPO.

FRIVOLINA. — Olha o *Tempo*!

TRIBOFE. — Bravo! o Tempo novo e sem barbas!

O TEMPO. — Pois não se diz que os tempos estão mudados?

FRIVOLINA. — Mas como foi isto? Você escapou á rolha?

O TEMPO. — Aconteceu-me peior: fui suspenso!

TRIBOFE E FRIVOLINA. — Suspenso?!

O TEMPO. — Sim, meus amigos, e o meu eclypse coincidio com o da lua. Entrámos na penumbra quasi ao mesmo tempo.

LUNDU'

I

Meu Deus!
Amigos meus,
Suspenso fui,
Ui!
Olá!
Que gente má!
Peior não ha,
Nem haverá!
Em prosa macia,
De estylo pacato,
Escrevi um artigo
Patriota e sensato,
Que não merecia
Tanto espalhafato,
Tão severo castigo
Nem tão grande apparato!
A liberdade da imprensa
Morreu ás mãos de um barão,
Pois uma folha é suspensa,
E não se sabe a razão!

II

Verão
Que a suspensão
Ser boa vae,
Ai!
Olé!
Pois tenho fé
Que tomo pé
Co'este banzé!
Soffri um vexame,
Passei por suspeito,
Mas de tudo isto espero
Me utilisar com geito...
Tão bella reclame
De certo approveito,
E já me considero
Agora um jornal feito!
A liberdade da imprensa etc.

Bom! Adeus! Quando quizerem, appareçam para jantar... Continúo a ter invariavelmente á minha mesa leitão e carneiro.

TRIBOFE. — São duas petisqueiras. Adeus! estimo que quanto antes saia da penumbra! (*O Tempo sae*).

FRIVOLINA. — São horas de fazermos tambem eclypse, seu Tribofe — Está concluida a revista fluminense dos acontecimentos de 1891.

TRIBOFE. — Eu volto á minha personalidade de naturalista russo.

FRIVOLINA. — E eu aos intermundios da phantasia!

AMBOS. — Minhas senhoras... meus senhores... Não faltem amanhã, ás mesmas horas (*Cumprimentam e saem*).

SCENA X

A VARIOLA, *depois a* FEBRE AMARELLA.

VARIOLA, *entrando da esquerda, com preparos de viagem.* — Já está muito calor... E' tempo de me pôr ao fresco. (*Vae sahindo, e encontra-se com a Febre Ama-*

rella, que entra da direita, tambem com preparos de viagem). Oh, Febre Amarella! Chegas agora?

FEBRE AMARELLA — E' verdade.

VARIOLA. — E eu parto.

FEBRE AMARELLA — Venho substituir-te. (*Apertando-lhe a mão*). Foste feliz?

VARIOLA. — Felicissima!

FEBRE AMARELLA. — Que tal a Inspectoria de Hygiene?

VARIOLA — Boa.

FEBRE AMARELLA. — E a Intendencia Municipal?

VARIOLA. — Optima.

FEBRE AMARELLA. — Ainda bem! Até a vista!

VARIOLA. — Sê feliz! (*Apertam-se as mãos e saem, a Febre Amarella pela esquerda e o Variola pela direita*).

SCENA XI

A IMPRENSA, *depois a* LEGALIDADE.

(*Entra a Imprensa com uma enorme rolha na bocca. Scena muda. A Imprensa exprime por gestos que não póde fallar. Desespera. Afinal vê a Legalidade, que entra, e lança-se-lhe nos braços*).

A LEGALIDADE. — Pobre Imprensa!... Arrolhada!... Eu sou a Legalidade, e posso servir-te de sacca-rolhas. (*Arranca-lhe a rolha da bocca*).

A IMPRENSA, *furiosa*. — Tyranos! patifes! despotas! velhacos! insolentes! Deixem estar que eu lhes vou mostrar para que presto!...

A LEGALIDADE. — Isso!... berra á vontade!

A IMPRENSA. — Vou soltar a lingua aos quatro ventos! Tyranos! despotas! criminosos! doidos! sucia de tratantes! (*Sae, vociferando sempre*).

A LEGALIDADE. — Ahi vem a minha milicia! O batalhão Tiradentes!...

(*Entrada do batalhão Tiradentes*).

CORO

Empunhando estas espadas,
Demos todo a nossa vida
Pela patria estremecida,
O' camaradas!

Arrojados e valentes,
Neste instante de ventura
Invoquemos a figura
De Tiradentes!

(*Evoluções. Mutação*).

QUADRO UNDECIMO

Sala baixa e estreita na casa occupada por Eusebio e sua familia. Uma porta de cada lado da scena.

SCENA PRIMEIRA

DONA FORTUNATA, *depois* O SENHORIO.

(*Ao levantar o panno onve-se bater palmas*).

DONA FORTUNATA, *entrando da direita*. — Entre quem é.

O SENHORIO, *entrando da esquerda*. — Sou eu, minha senhora. Cá está o recibo do mez passado. (*Dá-lhe o recibo*).

DONA FORTUNATA. — Já le esperava. O sinhô é infallive no dia premero. (*Tira do bolso dinheiro e dá-lh'o*).

O SENHORIO *depois de contar*. — Cem mil réis. Está exacto. (*Guardando o dinheiro*). Previno-a, minha senhora, que de hoje em diante á casa pagará mais dez mil réis por mez.

DONA FORTUNATA. — O que! Ainda um omento?! O sinhô tem omentado todos os mez!...

O SENHORIO. — Não a obrigo a ser minha inquilina. Ha muito quem queira. Eu acho por esta casa cento e vinte cinco mil réis a olhos fechados!

D. FORTUNATA. — E' até onde póde chegá! Uma casa destas cento e dez mi rés!

O SENHORIO. — E dê-se por muito feliz. Passar bem, minha senhora! (*Sae*)

D. FORTUNATA. — Adeus, seu. O que vale é que é por pouco tempo.

SCENA II

D. FORTUNATA, JUCA, *depois* QUINOTA.

JUCA, *entrando a correr*. — Mamãe! mamãe! papae tá ahi!

D. FORTUNATA. — Tá ahi?

JUCA. — Eu encontrei elle alli no canto, e elle me disse que viesse vê se voc'mecê tava zangada, que se tivesse elle não entrava.

D. FORTUNATA. — Aquelle home é os meus peccado! Vai dizê a elle que não tou zangada.

JUCA. — Seu Gouveia ta junto co'elle.

D. FORTUNATA. — Bem! venhum todos dous. (*Juca sae correndo*). Quinota! Quinota!

A VOZ DE QUINOTA. — Senhora?

D. FORTUNATA. — Vem cá, minha filha. — Eu não ganho nada me encazinando. Já tou velha; não quero me amofiná. (*Entra Quinota*). Quinota, teu pae vem ahi, e para que elle não torne outra vez a se osentá de casa, amenhan de menhan vamos embora.

QUINOTA. — E seu Gouveia?

D. FORTUNA. — Seu Gouveia tambem vem ahi.

QUINOTA, *contente*. — Ah!...

D. FORTUNATA. — Não quero mais ficá n'uma terra onde os marido passa noites e noite fóra de casa e os senhorio omenta os alugué todos os mez!

SCENA III

D FORTUNATA, QUINOTA, JUCA, EUSEBIO, *depois* GOUVEIA.

JUCA. — Tá ahi papae!

EUSEBIO, *da porta*. — Posso entrá? Não temo briga?

QUINOTA. — Estando eu aqui, não póde haver brigas.

D. FORTUNATA. — Sim, minha filha, tu é o anjo da paz.

QUINOTA *tomando o pae pela mão*. — Venha cá. (*Tomando D. Fortunata pela mão*). Vamos! abracem-se!

D. FORTUMATA, *abraçando-o*. — Diabo de home véio sem juizo!

EUSEBIO. — Rae, rae, D. Fortunata! Rae, mas não se azangue!...

D. FORTUNATA. — Pae de filha casadeira!

EUSEBIO. — Tá bom! tá bom! Pormetto me emendá! Mas deixe le dizê...

D. FORTUNATA. — Não! não diga nada, não se defenda! E' mió que as coisa fique como está!

JUCA. — Seu Gouveia tá no corredô!

QUINOTA. — Ah! (*Vae buscar Gouveia pela mão. Gouveia entra manquejando*).

EUSEBIO. — Assim é que o sinhô me apadrinhou?

GOUVEIA. — Deixe-me! estas botinas novas fazem-me ver estrellas!

D. FORTUNATA. — Seu Gouvêa, le participo que amenhan de menhan estamo de viage.

EUSEBIO. — Já conversei co'seu Gouveia.

GOUVEIA, *a Quinota*. — Eu abri-me...

EUSEBIO. — Elle vae c'a gente; não tem que fazê aqui. Tá na pindahyba, mas é o memo. Casa com Quinota e fica sendo administradô da fazenda. Arranjo outra coisa para seu Borge.

QUINOTA. — Ah! papae! quanto lhe agradeço! (*Beija-o*).

JUCA. — A Bemvinda tá ahi.

TODOS — A Bemvinda!

D. FORTUNATA. — A Bemvinda! Não quero vê ella!... (*Quinota vae buscar Bemvinda, que entra, a chorar, vestida como no primeiro quadro*).

SCENA IV

OS MESMOS, BEMVINDA

BEMVINDA, *de olhos baixos*. — Tou muito arrependida! Não valeu a pena!

D. FORTUNATA. — Rua, sua desavergonhada!

EUSEBIO. — Tenha pena da mulata!

D. FORTUNATA. — Rua!

QUINOTA. — Mamãe, lembre-se de que eu mamei o mesmo leite que ella.

D. FORTUNATA. — Este diabo não tem descurpa! Rua!...

GOUVEIA. — Não seja má, D. Fortunata... Ella tambem apanhou o microbio da pandega...

D. FORTUNATA. — Pois bem... mas se não se comportá direito... Vae lá p'ra dentro! (*Bemvinda sae*).

EUSEBIO, *baixo a D. Fortunata*. — Ha de casá co'seu Borge, que morre por ella... (*Aparte*). E o boiadeiro suspendeu c'os meus duzento mi rés e não tomou nada!...

D. FORTUNATA. — Vamo jantá!

TODOS. — Vamos! (*Saem Juca, Eusebio e D. Fortunata. Quinota vae sahindo e Gouveia puxa-a pelo braço*).

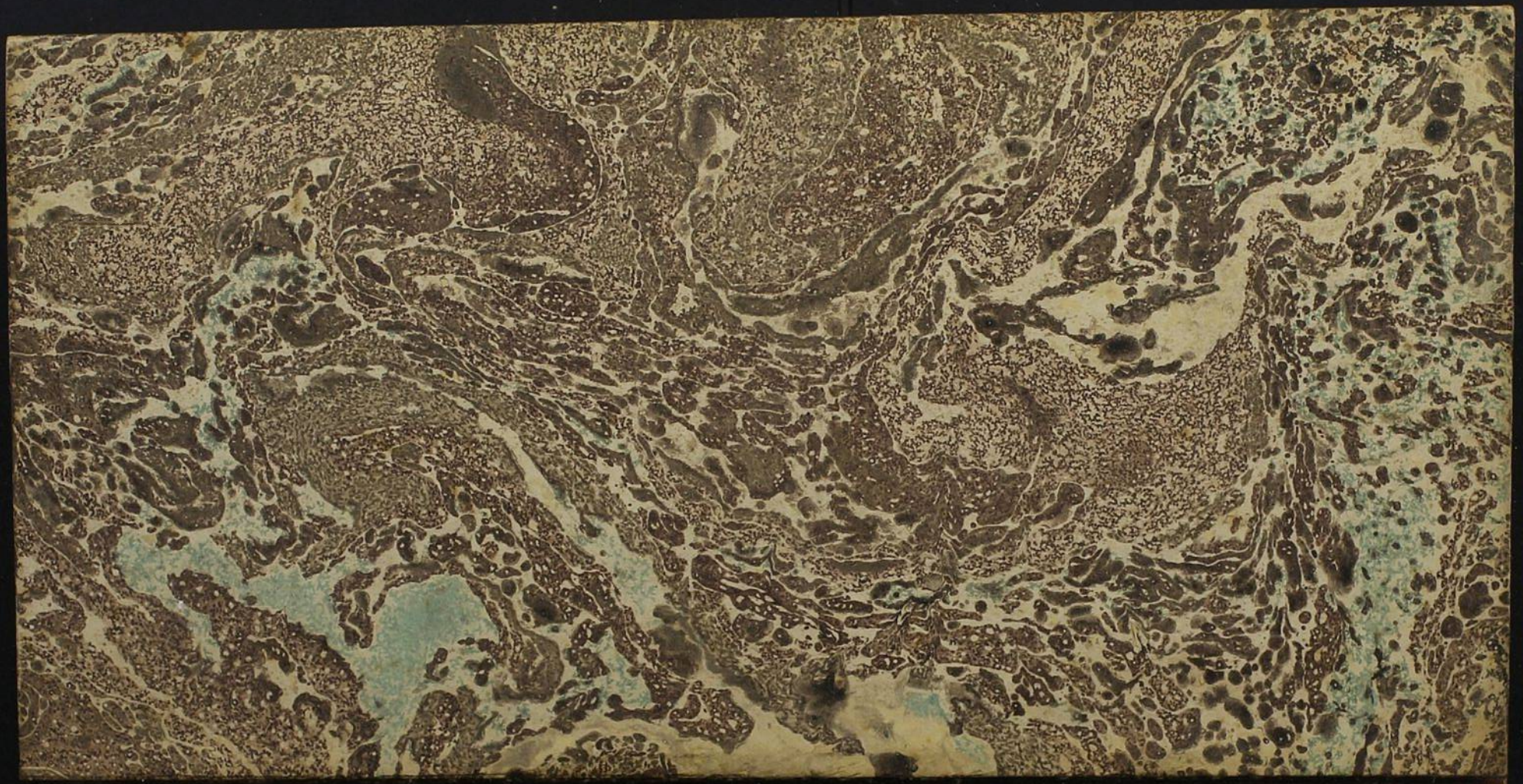
SCENA V

GOUVEIA, QUINOTA

GOUVEIA. — E o *couplet* final?

QUINOTA. — As revistas de anno nunca terminam com um *couplet*, mas com uma apotheose. (*Vindo ao proscenio*). Minhas senhoras e meus senhores, o autor quiz manifestar o seu respeito por dous brasileiros illustres fallecidos em 1891... (*Apontando para o fundo*). Benjamim Constant e D. Pedro de Alcantara! (*Mutação*).

QUADRO DUODECIMO

Apotheose.

18260